

caes e gatos 40 anos

MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECIA | CONHECE PARA QUEM SE PRECISA | caesegatos.com.br

DC7
COMUNICA

Ano 42
nº 317
Jan/2026

CLÍNICA MÉDICA

VERÃO TRAZ DESAFIOS PARA A SAÚDE DOS CÃES E GATOS

ENTREVISTA

LUIZA QUINTELA, CAROLINA QUARESMA E RAPHAEL GOMES FALAM SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS NA PROFISSÃO

ZOOM

NOVA TRIBUTAÇÃO NACIONAL TAMBÉM ATINGE PROFISSIONAIS DO SETOR

DO MEIO RURAL PARA O URBANO

LEISHMANIOSE AVANÇA EM TODAS AS REGIÕES DO BRASIL, REPRESENTANDO UMA AMEAÇA À SAÚDE PÚBLICA

12º PRÊMIO DE PESQUISA PremieRpet®

O **Prêmio de Pesquisa PremieRpet®** chega a sua 12ª edição reafirmando seu compromisso com a ciência e com o avanço da medicina e da nutrição de cães e gatos. Direcionado a estudantes e profissionais de **Medicina Veterinária e Zootecnia**, o concurso tem como principal objetivo estimular a produção científica, a inovação e a disseminação de conhecimento de alta relevância para o setor.

O prêmio consiste em um **concurso científico** que seleciona e reconhece os melhores trabalhos inscritos. As pesquisas são avaliadas por uma banca altamente qualificada, composta por especialistas e profissionais de referência na área. Os estudos que mais se destacam são premiados e os vencedores têm acesso a **prêmios incríveis**, como **viagens para renomados congressos internacionais**, ampliando sua formação, networking e impacto profissional.

Nesta edição, o prêmio mantém as tradicionais categorias Relato de Caso e Relato Científico/Revisão Bibliográfica e, sempre inovando, anuncia sua mais nova categoria: Felinos.

Confira as premiações de cada uma:

Relato de Caso

1º lugar: viagem ao ECVIM-CA 2026

2º lugar: iPhone 16

3º lugar: Tablet Samsung

Relato Científico/ Revisão Bibliográfica

1º lugar: viagem ao ESVCN 2026

2º lugar: iPhone 16

3º lugar: Tablet Samsung

Felinos

1º lugar: viagem ao

FELINEVMA 2026

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ O DIA 02/03/2026!

Inscreva-se e se destaque entre os melhores da Medicina Veterinária!

Para se cadastrar e conferir o regulamento completo, acesse:
www.premiervet.com.br/premiodepesquisa



FUNDADOR

Oswaldo Penha Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Danielle Assis (MtB. 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Melissa Marques
melissa@dc7comunica.com.br
Rebecca Vettore
rebecca@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

ADM/TRÁFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio, CRMV-SP, Erika Pereira, Franciele Pavei, Gabriela Mura, José Luiz Tejon, Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli, Monique Paludetti, Ourofino, Saulo Gonçalves Pereira, Soft Care, Thais Ximenes, Trouw Nutrition

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 n° 011391/90.

Periodicidade: Mensal



365 NOVAS OPORTUNIDADES E UM SÓ COMPROMISSO

Todo ano que começa traz com ele planos, expectativas e as já conhecidas “365 novas oportunidades”. Contudo, existem coisas que não mudam, como o nosso compromisso em ofertar informação técnica e de qualidade para médicos-veterinários e zootecnistas.

Isso é visto nesta primeira edição de 2026, que tem como destaque a Leishmaniose, uma doença que, cada vez mais, está representando um embate para a saúde pública, extrapolando os limites da Medicina Veterinária.

Este ano também traz consigo algumas mudanças com relação a tributação nacional, que podem impactar diretamente profissionais autônomos e donos de clínicas e hospitais veterinários. Para explicar um pouco sobre o que muda no setor, trouxemos uma reportagem especial com uma advogada especialista em Direito PET & VET.

Ainda nesta edição você irá encontrar outros temas de importância na veterinária, como estresse em cães, as principais enfermidades vistas na clínica médica de cães e gatos no verão e a importância da sustentabilidade no pet food.

Além disso, saiba que em 2026 continuaremos firmes na busca por produzir conteúdos completos, atualizados e baseados em evidências para que você, nosso leitor, siga informado e por dentro das novidades do setor.

Portanto, um feliz ano novo e boa leitura!



Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial
e Editorial

» NO MIOLO

| RADAR PET

08 > VIRBAC

A nova era do controle reprodutivo em cães e gatos

| PETBUSINESS

07 > DADOS DO SETOR

90 milhões de toneladas

16 > ZOOM

Novo ano, novos tributos

| VETERIANÊS

20 > DO MEIO RURAL PARA O URBANO

Leishmaniose avança em todas as regiões do Brasil

28 > VERÃO

Calor, sol e desafios para a saúde de cães e gatos

32 > SAÚDE ÚNICA

Zoonoses em ascensão acendem alerta epidemiológico no Brasil

44 > MUITO ALÉM DO RÓTULO

O problema do estresse e da ansiedade em cães

48 > MIASTENIA GRAVIS

Desafios no diagnóstico e no manejo clínico

52 > PET SILVESTRE

Quando a alimentação não é suficiente

| SEÇÕES

» Editorial **3**

» On-line **6**

» Boletim Paulista **14**

» Marketing **19**

» Mercado **27**

» Tejon **39**

» Guia Jurídico **43**

| PETFOOD

34 - SUSTENTABILIDADE

Cuidado com a nutrição e o meio ambiente

| OUTROS AUTORES

36 > GERIATRIA

Nutrição de cães e gatos idosos

40 > FELINOS

Enriquecimento ambiental e cortisol fecal em gatos

50 > SARNA EM LOBO-GUARÁ

Uma ameaça emergente

| COBERTURA

54 > CELEBRAÇÃO

40 anos do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal

56 > DERMAPET TALKS

Evento da Elanco reúne especialistas para discutir Dermatologia veterinária

| PONTO FINAL

58 > NOVAS DIRETRIZES:

Saúde oral e cuidados dentários em felinos



ENTREVISTA VETS DA NOVA GERAÇÃO

Luiza Quintela, Carolina Quaresma e Raphael Gomes falam sobre o uso das redes sociais na profissão

10

LSPÓ

Suplemento Vitamínico Mineral para Cães e Gatos



**BETA-
GLUCANA**

**COLOSTRO
BOVINO**
(Lactoferrina)

ASTAXANTINA

SPIRULINA



Fórmula exclusiva composta por ativos sinérgicos que promovem suporte metabólico e nutricional, contribuindo como auxiliar no equilíbrio e na resposta imunológica de cães e gatos.

Acesse o
Boletim Técnico



Pet
ALIVIRA

alivira.com.br

in f @ alivirapet

DEZEMBRO VERDE

DEZEMBRO chegou reforçando uma pauta que merece atenção o ano inteiro: a luta contra o abandono de animais. Ao longo do mês, nós da **Cães&Gatos** acompanhamos iniciativas que trouxeram o tema para o centro das discussões — das ruas das grandes cidades às ações de saúde pública.

No dia 5 de dezembro, destacamos a intervenção urbana promovida pela Guabi Natural, em parceria com a ONG GAVAA, que levou mensagens impactantes sobre abandono às fachadas de prédios de São Paulo. A ação aproximou dados reais da rotina da cidade e estimulou a reflexão sobre adoção responsável e proteção animal.

Na mesma data, outro assunto ganhou atenção: o registro de raiva

em um filhote de cachorro em Salvador, após cerca de duas décadas sem casos confirmados. A situação mobilizou equipes de saúde em ações de vacinação e orientação, reforçando a importância da imunização anual e evidenciando como animais abandonados estão mais vulneráveis à doença.

Além das pautas de conscientização, dezembro também trouxe um panorama positivo para o setor pet. No dia 9, abordamos as projeções de faturamento do setor, que devem ultrapassar os R\$77 bilhões, consolidando o Brasil entre os maiores mercados do mundo e evidenciando o crescimento de serviços e produtos voltados ao bem-estar animal.

Paralelamente, algumas matérias ficaram entre as mais acessadas do mês:



1 CASADOTE: SÃO PAULO INAUGURA PRIMEIRO CENTRO PERMANENTE DE ADOÇÃO DO BRASIL

A inauguração da CasAdote marcou um avanço para a causa animal. O espaço na Vila Madalena reúne quatro andares dedicados à convivência entre tutores e pets, com áreas de interação, ambientes internos e até café pet friendly. O objetivo é incentivar adoções responsáveis e reduzir o abandono a partir da criação de vínculos sólidos.



2 CENTRO ESPÍRITA EM CAMPINAS É IMPEDIDO PELA JUSTIÇA DE EXPULSAR GATOS COMUNITÁRIOS

Uma decisão judicial impediu que gatos fossem expulsos de um centro espírita na cidade localizada em São Paulo. O caso reacendeu o debate sobre convivência comunitária, direitos animais e a necessidade de soluções humanitárias para felinos que vivem em espaços coletivos.



3 ANIMAIS PODEM COMPARTILHAR TRAÇOS DE NEURODIVERGÊNCIA COM HUMANOS, INDICAM CIENTISTAS

A matéria explorou comportamentos de cães e gatos que lembram traços de neurodivergência em humanos, como padrões repetitivos, hiperfoco e respostas sensoriais atípicas.

Embora o tema ainda careça de estudos mais aprofundados, especialistas destacam que observar essas diferenças ajuda os tutores a oferecer cuidados mais empáticos e personalizados, reforçando a atenção ao bem-estar emocional dos pets.



90 MILHÕES DE TONELADAS

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O ano de 2025 trouxe bons resultados para o setor de nutrição animal. De acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), entre janeiro e setembro a indústria brasileira de alimentação animal alcançou 66,5 milhões de toneladas de rações.

Esse número representa um crescimento de 2% em relação ao mesmo período de 2024 e reflete, exclusivamente, o desempenho do segmento de rações, estando aliado à projeção de 90 milhões de toneladas ao final do ano.

Segundo Ariovaldo Zani, CEO do Sindirações, os números reforçam a capacidade de adaptação do setor em um cenário global ainda marcado por incertezas. “A indústria de alimentação animal permanece resiliente mesmo diante das incertezas globais, sustentada por eficiência, inovação e forte base produtiva”, comenta.

PET FOOD EM ALTA. Ainda conforme dados do Sindirações, o segmento de alimentação para pets gerou um consumo de aproximadamente três milhões de toneladas de janeiro a setembro de 2025. Logo, a estimativa para o ano foi de um alcance quatro milhões de toneladas, distribuídas entre cães (80%), gatos (19%) e demais espécies — pássaros, peixes ornamentais, répteis e pequenos mamíferos (1%).

Diante da projeção de 90 milhões de toneladas, a produção de ração para pets representa 0,8% do total estimado.

Para Zani, a nutrição de precisão e os sistemas intensivos consolidam a previsibilidade técnica, reforçam a eficiência econômica e asseguram ao Brasil uma posição estratégica entre os maiores players globais de proteína animal.

CRESCIMENTO DE 3,36%. Por outro lado, a Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação (Abempet) projetou um crescimento do setor de apenas 3,36% em 2025 quando comparado com 2024. Essa projeção teve como base os resultados do terceiro trimestre.

Em 2024, o faturamento total da categoria foi de R\$ 75,4 bilhões, se mantendo abaixo das projeções que apontavam um valor superior aos R\$ 77 bilhões.

Já para 2025, a entidade previu um crescimento em queda, causado pelo cenário econômico e tributário enfrentado no país. Com isso, a projeção foi de um faturamento de R\$ 77,89 bilhões até o final de dezembro. “O setor pet segue sólido, mas os resultados projetados para 2025 refletem os desafios econômicos e o peso da alta tributação sobre os produtos e serviços do setor. Junto da inflação, a

desaceleração do consumo são influências negativas. O valor do dólar também influencia no preço de ingredientes básicos de produtos como o pet food”, afirma Caio Villela, CEO da Abempet.

RESULTADOS POR SEGMENTO. Conforme dados da Abempet, a venda de alimentos industrializados para animais de estimação estava prevista para encerrar 2025 com R\$ 41,4 bilhões, representando 53,1% do total do setor.

Com relação aos canais de acesso, pet shops pequenos e médios possuem um papel importante, garantindo quase metade de todo movimento do varejo (48,1%). Em segundo lugar estão as clínicas e hospitais veterinários, que representam 17,5% do faturamento (R\$ 13,6 bilhões) e, por fim, as cadeias de mega stores pet têm uma fatia de 9,6%, faturando R\$ 7,5 bilhões. ■

PROJEÇÃO DO FATURAMENTO DOS CANAIS DE ACESSO AOS PRODUTOS E SERVIÇOS PET - 2025

SEGMENTOS	BASE 3º TRIM	%
E-commerce	R\$ 6.309.244.556,88	8,1%
Clínicas e Hosp. Vet	R\$ 13.631.083.919,19	17,5%
Agrolojas	R\$ 5.608.217.383,89	7,2%
Varejo Alimentar (Hiper Merc. Super Merc., etc)	R\$ 6.387.136.464,99	8,2%
Outros (Clubes de Serv., Lojas de Conveniência, etc)	R\$ 1.012.594.805,43	1,3%
Pet Shops (Pequeno e Médio)	R\$ 37.466.007.800,73	48,1%
Pet Shops (Mega Store)	R\$ 7.477.623.178,52	9,6%
Total	R\$ 77.891.908.109,63	100%

SEGMENTOS (COMÉRCIO ELETRÔNICO)	BASE 3º TRIM	%
E-commerce	R\$ 2.335.520.496,05	37,0%
Clínicas e Hosp. Vet	R\$ 286.113.196,84	4,5%
Agrolojas	R\$ 152.123.671,55	2,4%
Varejo Alimentar (Hiper Merc. Super Merc., etc)	R\$ 165.083.242,57	2,6%
Outros (Clubes de Serv., Lojas de Conveniência, etc)	R\$ 31.546.222,78	0,5%
Pet Shops (Pequeno e Médio)	R\$ 1.269.385.452,43	20,1%
Pet Shops (Mega Store)	R\$ 2.069.472.274,66	32,8%
Total	R\$ 6.309.244.556,88	100%

A NOVA ERA DO CONTROLE REPRODUTIVO EM CÃES E GATOS

POR MUITO TEMPO, A CASTRAÇÃO CIRÚRGICA FOI VISTA COMO A ÚNICA VIA RESPONSÁVEL PARA O CONTROLE POPULACIONAL DE PETS. NO ENTANTO, AS NOVAS DIRETRIZES DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE VETERINÁRIOS DE PEQUENOS ANIMAIS (WSAVA), ATUALIZADAS EM 2025, REVELAM QUE **A REMOÇÃO DAS GÔNADAS PODE NÃO SER A MELHOR ESCOLHA PARA TODOS OS ANIMAIS**, ABRINDO ESPAÇO PARA MÉTODOS MENOS INVASIVOS E REVERSÍVEIS

Durante décadas, a mensagem para os tutores de cães e gatos foi clara e uniforme: castrar é a única opção. O procedimento cirúrgico de rotina — a orquiectomia para machos e a ovariopsectomia para fêmeas — tornou-se o padrão-ouro mundial.

Contudo, a Medicina Veterinária vive uma mudança de paradigma. Diretrizes recentes da Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais (WSAVA) indicam que a decisão de esterilizar não deve ser automática, mas sim baseada em uma avaliação individualizada que pesa os riscos e benefícios para a saúde de cada animal a longo prazo.

Neste contexto, novas e modernas opções surgem no mercado como alternativas à castração cirúrgica.

A deslorelina, um fármaco seguro e utilizado há mais de 15 anos na Europa como uma alternativa à castração cirúrgica, tem mostrado diversas vantagens, inclusive servindo como um “teste” prévio ao procedimento definitivo de remoção cirúrgica das gônadas, como explicaremos em detalhes nesta reportagem.

A QUESTÃO DA CASTRAÇÃO CIRÚRGICA. Entende-se por esterilização cirúrgica a remoção das gônadas de machos e fêmeas (testículos e ovários), eliminando a produção de hormônios sexuais.

Nas fêmeas, a técnica tradicional

remove ovários e útero (ovariohisterectomia), embora novas diretrizes venham recomendando a ovariectomia (apenas a remoção dos ovários) como o método preferencial quando a cirurgia é indicada, por ser menos invasiva e apresentar menos complicações.

No entanto, a remoção permanente dos hormônios gonadais não é isenta de falhas e riscos à saúde.

Estudos apontam que a gonadectomia, especialmente em cães de raças grandes e gigantes, está associada a um aumento no risco de obesidade, distúrbios ortopédicos (como displasia coxofemoral e ruptura do ligamento cruzado cranial), incontinência urinária e certos tipos de neoplasias, como osteossarcoma, linfoma e hemangiossarcoma.

No caso dos cães, a idade do animal no momento da castração também é um fator que pode determinar a ocorrência de uma maior prevalência de algumas doenças ao longo da vida, não sendo possível de acordo com os estudos atuais estabelecer uma idade ideal de castração que seja única para todos os casos. O sexo, raça e o estilo de vida do animal são fatores que influenciam nessa decisão.

Além disso, a crença popular de que a castração resolve problemas comportamentais é contestada. Em machos, por exemplo, a castração pode reduzir a marcação de território e a fuga, mas





raramente resolve a agressividade por medo; em alguns casos, pode até piorá-la.

A ASCENSÃO DOS MÉTODOS CONSERVATIVOS. Diante das evidências de que os hormônios reprodutivos desempenham papéis cruciais no desenvolvimento e na saúde geral — e não apenas na reprodução —, métodos conservativos e não cirúrgicos ganham destaque.

Hoje, existem alternativas cirúrgicas que preservam os hormônios, como a **histerectomia** (remoção do útero mantendo os ovários) e a **vasectomia**.

Essas técnicas impedem a reprodução, mas mantêm o sistema endócrino do animal intacto, evitando as consequências negativas da falta de hormônios no metabolismo e no sistema esquelético.

Ainda assim, são técnicas invasivas, que exigem cuidados pós-operatórios e representam alguns riscos.

Além das opções cirúrgicas "poupadoras de ovários/testículos", a ciência avançou significativamente nos métodos não cirúrgicos. Inicialmente, a castração química através de injeções intratesticulares (como cloreto de cálcio ou gluconato de zinco) eram a única alternativa de esterilização permanente para machos sem envolver cirurgia.

Considerado um método barato e adequada para programas de controle populacional em larga escala, causa dor durante e após a aplicação, exigindo monitoramento pós-aplicação.

DESLORELINA: A REVOLUÇÃO ESTRATÉGICA E REVERSÍVEL. Entre as inovações, o uso de implantes de **deslorelina** (um agonista do GnRH) desponta como uma das estratégias mais sofisticadas e seguras para o controle reprodutivo moderno. Diferente da cirurgia, a deslorelina oferece uma supressão hormonal reversível.

Disponível na forma de um implante subcutâneo (semelhante a um microchip), a deslorelina atua bloqueando o eixo reprodutivo. Em cães machos induz uma infertilidade temporária que dura de seis a 12 meses (dependendo da dose), reduzindo o tamanho dos testículos e a testosterona, sem a necessidade de anestesia ou cortes. A grande vantagem é a reversibilidade: após o fim do efeito do implante, a fertilidade e os níveis hormonais retornam ao normal.

ISSO TORNA A DESLORELINA UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA PODEROSA:

Teste comportamental

Permite aos tutores e veterinários avaliarem se a castração, realmente, melhorará o comportamento do cão antes de optarem por uma cirurgia definitiva;

Segurança

É uma alternativa viável para animais que correm alto risco anestésico;

Flexibilidade

Pode ser usada para adiar a puberdade ou controlar a reprodução em fêmeas e gatos (machos e fêmeas) de forma segura, embora o uso em fêmeas adultas exija cautela devido a um efeito inicial de estimulação ("flare-up").

A conclusão das novas diretrizes é clara: a esterilização não deve ser uma decisão baseada apenas no controle populacional, mas no bem-estar individual.

Com opções como a deslorelina e técnicas cirúrgicas modernas, veterinários e tutores têm agora o poder de escolher um caminho que respeite a fisiologia do animal, garantindo uma vida mais longa e saudável.

SUPRELORIN: UMA ALTERNATIVA SEGURA E EFICAZ. A Virbac, multinacional francesa totalmente dedicada à saúde animal, trouxe para o Brasil em 2023 o **Suprelorin**, medicamento à base de deslorelina.

Suprelorin consolida-se como a principal ferramenta para médicos-veterinários que buscam alinhar controle reprodutivo com bem-estar animal e segurança.

Trata-se de um implante subcutâneo biocompatível, que libera deslorelina de forma lenta e contínua, suprimindo a função do eixo reprodutivo e bloqueando a produção de testosterona e a espermatogênese.

Listado como uma medicação essencial pela própria WSAVA e com mais de 15 anos de experiência de uso na Europa, EUA e Austrália, o produto ofere-

ce uma alternativa ética à castração cirúrgica, respeitando a integridade física do organismo sem os riscos inerentes à anestesia e ao procedimento cirúrgico.

Suprelorin está disponível em caixas com dois implantes individuais, na concentração de 4,7 mg. Nessa concentração, os cães que recebem o implante permanecem inférteis pelo período de seis meses.

A GRANDE VANTAGEM: REVERSIBILIDADE E O "TESTE COMPORTAMENTAL". Para a rotina clínica, o grande diferencial do Suprelorin é a **reversibilidade**. Uma vez que o implante é absorvido e seu efeito cessa, a fertilidade e os níveis hormonais retornam ao normal.

Essa característica inaugura uma nova possibilidade clínica: o "teste antes da castração", uma vez que o implante é seguro para aplicação em cães filhotes a partir dos seis meses de idade.

A aplicação é simples, sendo realizada pela via subcutânea. Um único implante é utilizado independentemente do peso do cão. Recomenda-se manter o cão afastado de fêmeas no cio por cerca de seis semanas após o procedimento, até que a infertilidade seja atingida.

"Em última análise, o Suprelorin representa a modernização do cuidado veterinário. Ele oferece ao tutor uma solução que cuida do bem-estar da família e mantém a possibilidade de escolha, evitando decisões irreversíveis que podem predispor o animal a obesidade, problemas articulares e outras comorbidades associadas à castração cirúrgica", afirma Ricardo Cabral, gerente técnico e de marketing da Virbac.

"É a ciência permitindo que a medicina veterinária seja cada vez mais preventiva, personalizada e segura". ■

Ricardo Cabral, gerente técnico e de marketing da Virbac



MEDICINA VETERINÁRIA MUDA, MÉDICOS- VETERINÁRIOS TAMBÉM

NOVA GERAÇÃO DE PROFISSIONAIS RECONHECE AS MUDANÇAS DA VETERINÁRIA E USA AS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA LEVAR INFORMAÇÃO E REALIZAR MARKETING PESSOAL

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A Medicina Veterinária tem passado por extensas modificações. São novas possibilidades de tratamento, tecnologias avançadas e diferentes formas de manejo com os pacientes. Associado a todos esses fatores, o mercado de trabalho está cada vez mais concorrido.

Essas mudanças não somente alteraram a forma como os profissionais atuam, como também criaram novas possibilidades de comunicação com os responsáveis pelos animais.

Os veterinários da nova geração estão mudando diversos aspectos da Medicina Ve-

terinária e têm as redes sociais como aliadas.

Exemplos disso são Luiza Quintela, Carolina Clarissa de Castro Paixão Quaresma e Raphael Gomes dos Santos. Juntos, eles reúnem quase um milhão de seguidores no Instagram e conseguem levar informação e entretenimento para tutores e profissionais, além de realizar marketing pessoal.

Para trazer um panorama sobre a forma como os médicos-veterinários da nova geração estão encontrando seu espaço no mercado de trabalho e encaram a profissão, conversamos com esses três profissionais, que veem as redes sociais como uma ferramenta valiosa no seu dia a dia.

Revista Cães&Gatos: Por que escolheu a Medicina Veterinária?

Luiza Quintela: Desde sempre quis estar cercada de animais e esse desejo acabou me levando para a Medicina Veterinária, também por influência do meu pai, que mesmo não sendo da área sempre valorizou muito a profissão.

Como foi a sua trajetória na Medicina Veterinária até aqui?

Entre na faculdade em 2010 com a ideia de trabalhar com reprodução de grandes animais. Porém, após alguns anos percebi que tinha mais aptidão para a clínica de pequenos animais e foquei nesse caminho. Comecei a atuar no final de 2015 e, como a maioria dos recém-formados que entram no mercado de trabalho, fazia plantões. Ao mesmo tempo, trabalhava como auxiliar de fisioterapia em uma clínica de reabilitação veterinária e realizava atendimentos a domicílio. Depois de quatro anos nesse ritmo fui para área comercial, onde trabalhei como promotora técnica, visando uma rotina um pouco mais leve. Hoje, realizo atendimento clínico, estou cursando pós-graduação em Dermatologia e Alergologia Veterinária e tenho contrato publicitário com algumas grandes marcas do setor veterinário.

No início, quais foram os principais desafios e frustrações com a carreira?

Como no começo eu não tinha grandes expectativas, acabei não me frustrando muito. Contudo, tiveram dias em que fiquei decepcionada com algumas oportunidades que exigiam tempo, conhecimento e energia, mas ofertavam baixa remuneração e, principalmente, falta de direitos trabalhistas. Esse cenário acabou me obrigando a empreender, mesmo não sendo o meu perfil.

Por que Dermatologia?

A escolha pela Dermatologia foi muito madura. Durante a faculdade nunca pensei nessa possibilidade e após estar formada sempre disse que não seguiria por esse caminho. Porém, durante os anos praticando clínica geral tive que aprender na marra sobre o básico da área devido



LUIZA QUINTELA
(@LUIZAQUINTELA)

a elevada porcentagem de casos dermatológicos que atendia. Com isso, vi que o melhor seria especializar esses atendimentos e aprender novas técnicas para aumentar meu ticket médio.

Quando começou a criar conteúdos para as redes sociais?

Em 2016 postei meu primeiro vídeo no YouTube, mas na época a intenção não era falar sobre Medicina Veterinária. No entanto, acabei abordando temas da área, pois a maioria das perguntas nos comentários eram sobre isso e eu percebi que esse era um interesse do meu público. A partir disso, o foco dos vídeos passou a ser mostrar meus desafios como recém-formada para facilitar a rotina de quem estava começando na carreira, visto que não tive essa oportunidade no início.

Quando veio o maior alcance do público?

Aos poucos o público do YouTube foi migrando para o Instagram e o maior alcance ocorreu por volta de 2022. Atualmente, meu público é dividido entre veterinários e estudantes de graduação (70%) e tutores de pets (30%).

As redes sociais são uma ferramenta importante para a divulgação do seu trabalho?

Sem sombra de dúvidas! As redes sociais alavancaram minha carreira tanto para conseguir mais clientes para os atendimentos, quanto para as

parcerias com marcas do setor. Com essas ferramentas eu consigo educar os tutores, fazendo com que cheguem às consultas entendendo a importância de exames, medicações e procedimentos, o que deixa a rotina mais leve e prazerosa. Além disso, hoje viajo pelo Brasil todo ministrando palestras e cursos e participo de lançamentos de produtos e eventos, tudo por conta da internet.

Como é a sua rotina atualmente?

Atualmente, a criação de conteúdos e entrega para as marcas acabam tomando grande parte do meu tempo, principalmente devido às viagens. Mas, também tenho um consultório, no qual atendo apenas casos de Dermatologia e separo, pelo menos, três dias da semana para atendimento, tendo uma média de 10 a 15 pacientes por semana.

Quais os cuidados no momento de produzir conteúdos para as redes sociais?

Para produzir os conteúdos levo em consideração, especialmente, o código de ética e a nova resolução nº 1649/2025, que estabelece regras de publicidade e propaganda na Medicina Veterinária. Todos os conteúdos têm caráter informativo para ensinar e orientar o meu público sobre doenças, mas sem abordar formas de tratamento e dosagens de medicação, e sempre evitando sensacionalismo com a proposta de valorizar a Medicina Veterinária.

Como você enxerga as mudanças pelo qual a Medicina Veterinária está passando?

A Medicina Veterinária está passando por uma transformação profunda, impulsionada, especialmente, pelo avanço tecnológico, pela valorização da Medicina baseada em evidências e pela mudança na relação entre tutores e animais. Hoje, o tutor está mais informado e mais exigente, o que nos leva a um modelo de prática muito mais individualizado, preventivo e interdisciplinar. Vejo também uma grande mudança na forma como o veterinário se posiciona: deixamos de ser apenas clínicos para nos tornarmos comunicadores e educadores. »

Revista Cães & Gatos: O que você esperava da Medicina Veterinária quando estava na graduação?

Carolina Quaresma: Quando eu entrei na faculdade estava extremamente empolgada, principalmente para começar as matérias de clínica e cirurgia. Esperava que fosse um curso bem difícil - e realmente é. Desde o início queria trabalhar com pequenos animais, principalmente felinos, e foi na graduação que me apaixonei por cirurgia cães e gatos, sendo monitora dessa disciplina por três anos. Porém, no final acabei voltando a focar em felinos e até meu TCC foi focado em Medicina Felina.

Como foram os primeiros anos atuando?

Nos primeiros anos me sentia inexperiente e ao mesmo tempo sabia da grande responsabilidade dessa profissão. Contudo, sempre tive vontade de aprender o que não conhecia e correr atrás para ir me aperfeiçoando. Depois de atuar nos plantões, abri meu consultório, duas experiências que me fizeram crescer muito pessoalmente e profissionalmente.

Quais foram as suas principais decepções e desafios no início da carreira?

No início da carreira me decepcionei, especialmente, com a falta de união de alguns colegas. Também não posso deixar de citar a baixa remuneração e os momentos difíceis, como a perda de um paciente, não sendo fácil lidar com essa dor e ainda oferecer apoio ao tutor do animal. Inclusive, o vínculo com o tutor é um aspecto que me surpreendeu positivamente, pois mesmo em casos difíceis uma boa comunicação é capaz de transformar o atendimento.

Por que a especialização em Medicina Felina?

A primeira inspiração foi uma gata da minha família chamada Branquinha. Ela era a guardiã da minha mãe e acabou perdendo a luta contra a Leucemia Felina (FeLV). Ao acompanhar todo o processo da doença senti uma vontade genuína de fazer por outros felinos o que eu gostaria que tivessem feito por ela. Hoje, a Medicina Felina evoluiu muito e para mim é uma honra fazer parte do grupo de pessoas que quer contribuir para que continue evoluindo.

Quando você decidiu postar conteúdos nas redes sociais?

Meus primeiros conteúdos foram criados em 2021 durante o período de estágio da graduação. Na época, eu gravava vídeos de humor que viralizaram no Tik Tok. Inclusive, essa era a única plataforma que usava, pois tinha vergonha do Instagram. Porém, devido a vida corrida, após me formar parei por um período e retornei no final de 2022, produzindo conteúdos no meu consultório. Nesse período passei a publicar vídeos no Instagram.

Quando seus conteúdos atingiram um público maior?

Depois de começar a publicar conteúdos no Instagram as coisas foram acontecendo e cada dia mais pessoas foram chegando no meu perfil. Também fui entendendo o que meu público queria ver e quais conteúdos interessavam. Com isso, comecei a investir um tempo maior para a criação dos vídeos e no final de 2023 passei de 1.500 seguidores para 95 mil na plataforma.

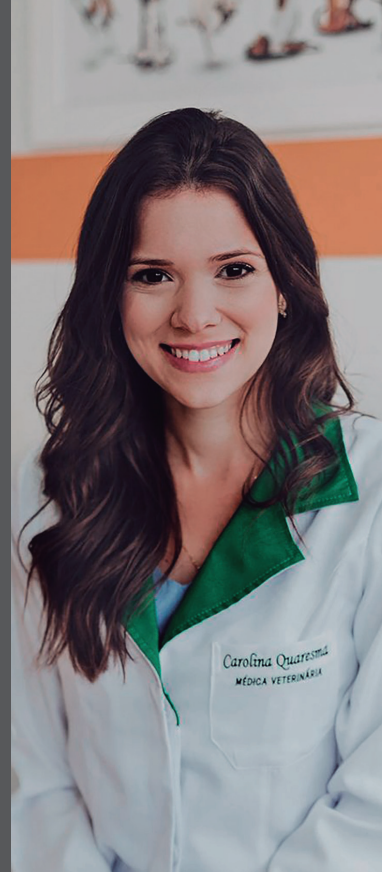
As redes sociais foram uma ferramenta importante para divulgação do seu trabalho?

Com certeza! As redes sociais ampliaram muito meu alcance, me conectaram com profissionais incríveis e tudo isso me abriu portas e criou a possibilidade de trabalhar com marcas que gosto e admiro. Também consegui evoluir muito como criadora de conteúdo, algo que me faz muito feliz e amo fazer. Foi a partir da internet que passei a ir em congressos que antes nunca havia participado e palestrar em universidades. Então, foram muitas portas abertas.

Quais os cuidados com relação a divulgação de conteúdos nas redes sociais?

Sempre busco manter responsabilidade e ética. Tudo o que publico nas minhas redes sociais possui base científica e respeito com pacientes, tutores e colegas. Também tento manter um equilíbrio entre conteúdo técnico e mensagens leves e acessíveis, pois acredito que informação só é útil se for compreendida.

Como você enxerga as mudanças pelo qual a Medicina Veterinária está



CAROLINA CLARISSA DE CASTRO PAIXÃO QUARESMA
 (@VETQUARESMACCAROL)

passando? A Medicina Veterinária está evoluindo cada vez mais, Hoje, falamos sobre comportamento, bem-estar, saúde mental dos profissionais e novas tecnologias. Estamos vivendo uma transição importante, em que o veterinário deixa de ser apenas o “cuidador de animais” para assumir seu papel essencial na saúde única, que conecta humanos, animais e meio ambiente.

Como você acha que os novos médicos-veterinários podem se destacar no mercado?

Atualmente, é muito importante que os médicos-veterinários invistam em marketing e existem diversas formas de fazer isso. Também vejo a importância de estar sempre se atualizando e saber criar uma linha de comunicação eficaz com os clientes. Hoje, saber se expressar e se posicionar faz tanta diferença quanto ter conhecimento técnico. Cada veterinário possui algo único a oferecer e o segredo está em descobrir isso e colocar sua essência no que faz. O mercado valoriza quem une competência com propósito.

Revista Cães & Gatos: Por que escolheu a Medicina Veterinária? *Raphael Santos:*

Iniciei a graduação em Medicina Veterinária por influência da minha mãe, que achava que eu seria um bom médico-veterinário. Antes de entrar na faculdade tinha receio da profissão por achar que iria sofrer ao ver um animal em sofrimento. Porém, logo nos primeiros dias de aula já me apaixonei e soube que era isso que eu queria fazer.

Como foram os primeiros anos após a formação? No primeiro ano de formado eu trabalhei com plantões e iniciei a pós-graduação em cirurgia de pequenos animais. Já a partir do segundo ano da pós-graduação, comecei o aprimoramento em cirurgia de tecidos moles de pequenos animais onde permaneço até o momento.

Quais os principais desafios que você encontrou após se formar? Depois da graduação eu tive uma decepção, pois criei uma expectativa muito alta durante a faculdade e após formado me senti perdido. A desvalorização da Medicina Veterinária também me desanimou, mas esses desafios não me fizeram desistir. Pelo contrário, frente a eles eu decidi iniciar a especialização, pois sabia que a rotina de plantonista não era a que eu queria.

Por que escolheu a especialização em cirurgia? Mesmo antes de começar a graduação eu já sabia que queria trabalhar com cirurgia. Eu amo estar no centro cirúrgico, sendo um ambiente onde me sinto muito bem, e adoro toda a rotina que a profissão de cirurgião exige.

Por que decidiu começar a criar conteúdos para as redes sociais? Comecei a postar vídeos nas redes sociais durante a pandemia. Na época eu estava no estágio da faculdade e tudo fechou. Então, busquei algo para me distrair e passei a publicar vídeos no Tik Tok. Porém, nesse início eu não postava conteúdos sobre Medicina Veterinária e sim de humor. Ao retornar para o estágio decidi publicar conteúdos veterinários com bom humor, que passaram a gerar muitas visualizações.

Quando você começou a ganhar relevância nas redes sociais? Certo dia



RAPHAEL GOMES DOS SANTOS
(@RAPHAGOMESS)

postei um vídeo nas redes sociais e passadas duas horas percebi que ele estava com um milhão de visualizações e 200 mil curtidas. Nesse momento tomei um susto, pois não imaginava atingir tamanho alcance. Percebi, então, que era isso que eu queria fazer e não parei mais de postar vídeos nas redes sociais. Atualmente, posto conteúdos sobre a minha rotina na Medicina Veterinária, mas de um jeito engraçado e leve.

Qual a relevância das redes sociais na sua profissão hoje? As redes sociais foram uma ferramenta muito importante pra divulgação do meu trabalho. Elas me abriram diversas portas e hoje sou convidado para congressos, eventos e cursos. Todos os congressos em que estive foram por causa das redes sociais. Isso me deixa muito grato e serve como combustível para que eu continue trabalhando com a internet.

Quais mudanças você tem visto na Medicina Veterinária nos últimos anos? Nos últimos anos eu

acredito que a Medicina Veterinária evoluiu muito mais do que há 50 ou 60 anos. Parece que pertencemos a uma geração que busca mudança. Isso é visto na própria presidência do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), que está trabalhando, justamente, para mudar muitas coisas. Além disso, estou otimista para o futuro da profissão, pois o mercado pet é um dos maiores no mundo e nós precisamos acompanhar todas as modificações que estão acontecendo.

Qual o seu conselho para os veterinários se destacarem no mercado?

A comunicação é a principal ferramenta para os médicos-veterinários. Na rotina de trabalho é fundamental ter empatia e se comunicar de forma clara e aberta. Isso faz a diferença. Conhecimento técnico nós podemos aprender na faculdade, mas desenvolver uma boa capacidade de comunicação não é tão simples, sendo algo que só se aprende no dia a dia. ■

Anuidade 2026

A ANUIDADE 2026 do CRMV-SP já está disponível na plataforma de serviços on-line (www.crmvsp.gov.br). Médicos-veterinários, zootecnistas e empresas ativas podem emitir o boleto e pagar até 29 de maio, com opção de descontos para pagamento antecipado ou parcelamento.

O valor para profissional e MEI será de R\$ 664,00. Descontos para pagamento à vista: 15% até 30/01/2026; 10% até 27/02/2026; e 5% até 31/03/2026.

Também é possível parcelar

em cinco vezes sem juros, com parcelas de janeiro a maio (a opção deve ser escolhida ainda em janeiro).

Os boletos devem ser gerados exclusivamente na plataforma on-line, com pagamento por código de barras ou Pix (QR Code do boleto). Antes de pagar, é importante conferir o nome e o CNPJ do Regional e todos os dados do documento.

Pagamentos após maio terão encargos previstos na Resolução CFMV nº 1.663/2025.



Isenção para empresa individual

ESTABELECIMENTOS de médicos-veterinários e zootecnistas registrados, cuja natureza jurídica seja equiparada à pessoa física, podem solicitar isenção da taxa de registro e da anuidade, conforme a Resolução CFMV nº 1.667/2025.

O benefício atende especialmente profissionais que abriram CNPJ apenas por exigências tributárias, mas continuam atuando como pessoa física, como prestadores de serviços volantes ou quem criou pessoa jurídica apenas para atender outros estabelecimentos.

A resolução também determina que o titular é automaticamente o responsável técnico (RT) do estabelecimento, dispensando a homologação da ART, o que fortalece a autonomia profissional.

Para estabelecimentos já registrados, é necessário enviar requerimento formal com documentos atualizados (como contrato social e CNPJ) para que o CRMV avalie a elegibilidade. A solicitação deve ser feita pelos Serviços On-line no site do CRMV-SP, pelo login empresarial e clicando na aba "Requerimentos": <https://crmvsp.implanta.net.br/servicosonline/>.



Canal de notificações

A COMUNICAÇÃO entre profissionais, empresas e os Conselhos Regionais de Medicina Veterinária está passando por uma modernização com a implantação do Domicílio Tributário Eletrônico (DT-e), previsto na Resolução CFMV nº 1.563/2023. O DT-e passa a ser o canal oficial para notificações, intimações e demais atos do Sistema CFMV/CRMVs.

A adesão é obrigatória, mas até 30 de janeiro de 2026 profissionais e empresas de São Paulo podem se creden-

ciar voluntariamente pelos Serviços On-line do CRMV-SP (www.crmvsp.gov.br), informando ou atualizando seus dados. Após esse prazo, o cadastro será automático, conforme as informações já existentes no Conselho, mesmo que não estejam atualizados, conforme estabelecido pelo Conselho Federal.

Com o DT-e, todas as comunicações oficiais serão enviadas exclusivamente pela plataforma, com notificações de nova mensagem comunicadas por e-mail. Por isso, manter os dados atualizados é fundamental. As mensagens têm validade legal e são consideradas lidas após dez dias do envio, conforme estabelece a Resolução do CFMV.

Bem-estar animal

O CRMV-SP participou do lançamento da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (Abbea), primeira plataforma técnica e multisetorial dedicada exclusivamente ao bem-estar animal no País.

A entidade, fundamentada em ciência, diálogo e cooperação internacional, busca consolidar o tema como pauta estratégica nacional, promovendo ações que unam responsabilidade, sustentabilidade e viabilidade produtiva.

Com o lema “Quem trata melhor os animais gera valor”, a Abbea reúne representantes da academia, do setor produtivo, da sociedade civil e do poder público para desenvolver políticas e diretrizes alinhadas ao contexto brasileiro e às demandas internacionais, como o acordo União Europeia–Mercosul, critérios ESG e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A presença da Regional reforça a importância da articulação entre instituições e setores estratégicos e destaca o papel de médicos-veterinários e zootecnistas na proteção das espécies.

Exercício ilegal

UMA operação conjunta do CRMV-SP, Polícia Civil, Coordenadoria de Vigilância em Saúde (Covisa) e o Instituto Caramelo fiscalizou um imóvel suspeito de abrigar um canil clandestino no Jardim Catarina, Zona Leste da capital.

No local, os fiscais do Conselho identificaram condições inadequadas de higiene, medicamentos vencidos e indícios de reprodução irregular

de animais. Um mandado de busca e apreensão determinou a remoção dos cães para uma organização de proteção.

Foram encontrados 22 animais, sendo 19 pugs e três bulldogs franceses. O proprietário negou manter um canil, mas a fiscalização constatou sinais de exercício ilegal da Medicina Veterinária.

O morador se apresentava como médico-veterinário, porém não possui registro no Conselho e admitiu não ter concluído a graduação. O caso foi registrado em Termo de Constatação e anexado ao inquérito policial.

O CRMV-SP reforça que o exercício

Uso indevido de ketamina

MÉDICO-VETERINÁRIO foi preso em Campinas durante operação da Polícia Civil do Paraná, acusado de desviar ketamina para uma organização criminosa que produzia drogas alucinógenas.

A ação teve prisões também em outros estados e revelou o recrutamento de profissionais recém-formados, incluindo uma médica-veterinária que chegou a solicitar 28 mil unidades do fármaco ao Ministério da Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A ketamina é um anestésico essencial e rigidamente controlado na Medicina Veterinária.

O caso reforça o alerta à categoria, especialmente a profissionais em início de carreira, mais vulneráveis a propostas irregulares.

Casos como esse podem acarretar responsabilização criminal, além de processo ético-profissional, que pode resultar na cassação do registro. O CRMV-SP orienta que qualquer suspeita de uso irregular ou desvio de substâncias controladas seja comunicada imediatamente pelos canais oficiais de fiscalização e denúncias éticas do Regional.

Acesse: <https://carmv-sp.implanta.net.br/ServicosOnline/Publico/ConsultaInscritos/>





NOVO ANO, NOVOS TRIBUTOS

MUDANÇAS NAS LEIS DE IMPOSTOS DO BRASIL EM 2026 DEVEM ALTERAR A ROTINA FISCAL DE MÉDICOS-VETERINÁRIOS AUTÔNOMOS E CLÍNICAS

► **REBECCA VETTORE**

rebecca@dc7comunica.com.br

A

Lei Complementar de nº 214/2025, que institui a Reforma Tributária aprovada no último ano pelo Congresso, entrou em vigor em fase de testes em 1º de janeiro de 2026.

Para médicos-veterinários, sejam eles autônomos ou donos de clínicas, a tendência é que o cenário de múltiplos boletos e regras municipais difusas dê lugar a um sistema unificado. A alteração promete simplificação, mas traz alertas sobre a carga tributária incidente sobre serviços.

A mudança propõe a extinção de cinco tributos (ICMS, ISS, IPI, PIS e Cofins) e a criação de dois impostos sobre valor agregado: sobre Bens e Serviços (IBS) e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS). A alteração impacta diretamente a precificação de consultas, cirurgias e a venda de medicamentos, por exemplo.

Para traduzir o "juridiquês" e apontar os caminhos para a adaptação, ouvimos Aline Woltz Gueno, que é advogada especializada no setor Pet & Vet, sócia-fundadora do Gueno e Oliveira Sociedade de Advogados e uma das criadoras da página Jurídico Pet.

"A Reforma Tributária é uma mu-

dança profunda no sistema de impostos do Brasil, criada para simplificar e tornar mais transparente a forma como pagamos tributos. Hoje, temos um sistema extremamente fragmentado, com várias taxas estaduais, municipais e federais incidindo sobre o consumo — e isso gera confusão, burocracia e insegurança", explica.

O FIM DA SOPA DE LETRINHAS. A unificação tributária altera a lógica de cobrança. O IBS somará o ICMS (estadual) e o ISS (municipal). A CBS unificará o PIS e a Cofins (federais). A mudança não é apenas na sigla, mas no fato gerador e no local de recolhimento. Logo, o imposto passa a incidir no destino do serviço ou produto e não na origem. Isso visa acabar com a guerra fiscal entre estados e municípios.

Aline detalha a abrangência da nova regra para o setor veterinário: "A ideia é que tudo o que envolve consumo (serviços, medicamentos, exames, produtos, internações etc.) tenha uma regra única, mais simples e mais previsível".

Para o veterinário que atua como pessoa jurídica, a gestão financeira precisará de ajustes. Hoje, muitos profissionais baseiam seus preços nas alíquotas do Simples Nacional ou do Lucro Presumido, que variam conforme o fatu- ►►

ramento. Com a mudança, a alíquota de consumo tende a ser padronizada.

O IMPACTO NO CUSTO DO SERVIÇO.

O ponto de maior atenção para a classe é a alíquota sobre serviços. "Atendimentos veterinários, que em muitos municípios tinham ISS entre 2% e 5%, podem passar para uma alíquota estimada nacional entre 25% e 27% (cheia). Mas atenção: haverá regimes diferenciados e transição gradual", pondera a advogada.

Essa elevação nominal da alíquota, no entanto, vem acompanhada de uma mudança estrutural: o fim da cumulatividade. No sistema atual, impostos pagos em etapas anteriores da cadeia nem sempre geram créditos para abater o valor final a pagar. A reforma institui o crédito amplo. Tudo o que a clínica adquire para operar gera crédito tributário.

Isso significa que a compra de equipamentos, matérias-primas, energia elétrica e serviços terceirizados poderá ser abatida do imposto devido na venda do serviço ao consumidor final.

"Para as empresas particulares que comprem muitos insumos, medicamentos e serviços terceirizados, o aproveitamento de créditos pode reduzir o impacto final", diz a advogada.

REMÉDIOS E INSUMOS. Outra frente de impacto é a comercialização de produtos. O setor de saúde humana garantiu alíquotas reduzidas para medicamentos e dispositivos médicos no texto da lei, mas o setor veterinário ainda articula benefícios semelhantes.

O fim da Substituição Tributária (ST) do ICMS também altera a formação de preço nas farmácias veterinárias. Aline destaca as negociações em curso e as expectativas para itens essenciais.

"A área veterinária está em negociação e há forte expectativa de redução para remédios essenciais, benefícios fiscais para vacinas, insumos hospitalares, materiais de uso contínuo e tratamento diferenciado para produtos de manutenção do bem-estar animal", afirma.

Se confirmadas as reduções, o custo de estoque para clínicas e hospitais pode cair, o que permitiria margens melhores ou repasse de descontos aos tutores, aumentando a competitividade. Para investimentos em infraestrutura, o cenário também é favorável.

"Hoje, máquinas, móveis e materiais



A reforma tributária traz simplificação, possível aumento na tributação dos serviços e padronização do sistema, afirma **Aline Woltz Gueno**, advogada especializada no setor Pet & Vet

têm tributação fragmentada (ICMS, IPI, PIS, Cofins). Com a reforma, a empresa particular terá direito a crédito integral, o que estimula a modernização do setor", complementa a advogada.

O ANO DE TESTE. O ano de 2026 servirá como laboratório. As alíquotas de IBS e CBS serão simbólicas (0,1% e 0,9%, respectivamente) para testar os sistemas de arrecadação. O recolhimento pleno e a extinção gradual dos impostos atuais ocorrerão entre 2027 e 2033. Apesar do início suave, a exigência de conformidade será imediata.

Sistemas de emissão de notas fiscais precisarão destacar os novos tributos. Contratos com fornecedores e prestadores de serviço deverão ser revisados para garantir o direito ao crédito.

A princípio, a desorganização documental poderá custar caro. Por isso, a profissional reforça a necessidade de "arrumar a casa" antes da vigência da lei. "Clínicas que têm bagunça tributária vão sofrer mais na transição", alerta.

AUTÔNOMOS E O FUTURO. Para o médico-veterinário que atua apenas como autônomo (Pessoa Física), a reforma incide sobre o consumo, mas não altera diretamente a tabela do Imposto de Renda Pessoa Física. No entanto, a contratação de seus serviços por clínicas poderá sofrer mudanças, dependendo de como o repasse de créditos for regulamentado.

Quem atua como PJ no Simples Nacional deve manter atenção redobrada. Embora o regime simplificado permaneça, a opção por recolher IBS e CBS "por fora" do Simples pode ser vantajosa para gerar recursos aos clientes, dependendo do perfil do negócio: se destinado ao consumidor final (B2C) ou ao mercado corporativo (B2B).

A conclusão é que a reestruturação tributária exige profissionalização da gestão. O modelo de "fazer contas de cabeça" ou misturar finanças pessoais com as do consultório ficará insustentável diante da necessidade de apurar créditos e débitos com precisão.

"A Reforma Tributária não é um 'bicho de sete cabeças', mas é uma grande mudança. Para o médico-veterinário e para as clínicas, ela traz simplificação, possível aumento na tributação dos serviços e padronização do sistema", finaliza Aline. ■

ALINE SUGERE CINCO PASSOS IMEDIATOS PARA MÉDICOS-VETERINÁRIOS

Organizar documentação fiscal;

Revisar contratos e preços para adequar margens e evitar prejuízos em serviços de baixa margem;

Separar atividades por CNAE corretamente (consultas, cirurgias, exames, hotelaria e comércio têm tratamentos distintos);

Simular cenários para avaliar se vale a pena permanecer no Simples ou migrar para outro regime no futuro;

Investir em compliance jurídico e contabilidade especializada no mercado Pet & Vet.



Da vitrine à experiência: como transformar atendimento em fidelização no mercado pet

No setor pet, conquistar um cliente vai muito além da primeira venda ou da consulta inicial. O tutor não busca apenas um produto ou serviço: ele busca segurança, empatia e confiança. Cada detalhe da jornada, do primeiro contato à lembrança pós-atendimento, constrói (ou destrói) a percepção de valor sobre a marca.

E é exatamente aí que o marketing mostra sua verdadeira força: não apenas em atrair, mas em reter por meio de experiências marcantes.

Desde a vitrine organizada com propósito até o sorriso na recepção, tudo comunica. No digital, o mesmo ocorre: a forma como uma mensagem é respondida, uma dúvida é esclarecida ou uma orientação é compartilhada faz tanta diferença quanto o próprio serviço.

Quando o tutor se sente ouvido e acolhido, ele associa a marca a um sentimento positivo. E esse sentimento é o que o faz voltar, indicar e defender a empresa, mesmo em um mercado com inúmeras opções.

Criar vínculo é o que realmente importa: construir uma relação que vai além da transação e se transforma em confiança contínua.

Mas toda jornada de relacionamento começa antes da venda. A vitrine, física ou digital, é o primeiro contato emocional com a marca. Ela não mostra apenas o que se vende, mas como se cuida. Uma clínica organizada, um pet shop acolhedor, uma página de Instagram que transmite carinho e profissionalismo, todos esses detalhes fazem parte de uma experiência coerente.

Quando há propósito em cada ponto de contato, o tutor percebe. E, ao sentir cuidado em cada

gesto, ele se torna mais confiante para dar o próximo passo. Em um mercado competitivo, onde o tempo é curto e as expectativas são altas, o atendimento humano se torna o maior diferencial.

Escutar com atenção, lembrar do nome do pet, acompanhar retornos e oferecer informações úteis transformam um simples serviço em relacionamento. Marcas que compreendem esse valor sabem que a fidelização se constrói nos detalhes.

Hoje, o tutor transita facilmente entre o físico e o digital. Ele pode conhecer uma marca no Instagram, fazer contato pelo WhatsApp, visitar a loja e depois deixar uma avaliação online.

Por isso, a experiência deve ser consistente em todos os canais. Uma resposta atenciosa, um post educativo ou um agradecimento personalizado após a compra constroem a memória afetiva que mantém o cliente próximo e engajado.

Quando uma marca entende que cuidar também é saber comunicar de forma assertiva, cada interação se torna uma oportunidade de fortalecer laços. A comunicação deixa de ser sobre “vender” e passa a ser sobre “pertencer”. O tutor que confia volta não por hábito, mas por afeto. No mercado pet, é isso que realmente sustenta uma marca: relações duradouras baseadas em experiências positivas.

A vitrine pode chamar atenção, mas é a experiência sensível e coerente que faz permanecer. Porque, no fim, o tutor pode até experimentar outras opções, mas sempre volta para onde se sentiu bem.

Essa é a essência do marketing no mercado pet: transformar o atendimento em vínculo, gerar memórias e consolidar reputações. ■

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas



DO MEIO RURAL PARA O URBANO

LEISHMANIOSE AVANÇA EM TODAS AS REGIÕES DO BRASIL, REPRESENTANDO UMA AMEAÇA A SAÚDE PÚBLICA, PRINCIPALMENTE, PELA AUSÊNCIA DE MEDICAMENTOS CAPAZES DE LEVAR A SUA CURA PARASITOLÓGICA

► **DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO**
danielle@dc7comunica.com.br

Com distribuição em todo o território nacional, a Leishmaniose representa um problema de saúde pública, tendo um importante potencial zoonótico. Segundo dados do Ministério da Saúde (MS), em 2023 o Brasil registrou cerca de 13 mil casos de Leishmaniose Tegumentar e dois mil casos de Leishmaniose Visceral, que é a mais grave e potencialmente fatal.

A forma tegumentar apresentou maior prevalência na região Norte, especialmente nos estados do Pará e Amazonas, enquanto a forma visceral teve surtos localizados, principalmente, no Norte e Nordeste do país.

Paulo Abílio Varella Lisboa, médico-veterinário, mestre e doutor em Ciências Veterinárias e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, explica que, historicamente, a concentração de casos humanos e a endemicidade da doença têm sido mais elevadas nas regiões Nordeste e Norte do país.

“Evidências epidemiológicas apontam que estados como Maranhão e Pará são pontos onde a Leishmaniose Tegumentar

Americana (LTA) e a Leishmaniose Visceral apresentam altas taxas. Contudo, atualmente, estamos vendo a sua expansão para o Sudeste e Centro-Oeste, com a consolidação em ambientes urbanos e periurbanos. Estados como Minas Gerais e São Paulo têm registrado um aumento significativo e progressivo na notificação de casos, sendo MG particularmente notável como uma área de alta taxa de incidência”, pontua.

RAIO-X DA DOENÇA. A Leishmaniose Visceral é classificada no Brasil como uma zoonose de notificação compulsória, sendo caracterizada por um padrão epidemiológico de expansão contínua e marcada urbanização.

Segundo a médica-veterinária especialista em Dermatologia e membro do Brasileish, Romeika Reis Lima, a enfermidade é causada por um protozoário chamado *Leishmania*. Esse protozoário é transmitido de diversas maneiras, com prevalência vetorial através da picada de um flebotômio. No Brasil, o principal flebotômio é o *Lutzomyia longipalpis*.

O *Lutzomyia longipalpis* – co- ►►

nhecido popularmente como mosquito-palha, asa-dura ou birigui - é o responsável por realizar a transmissão do protozoário para todos os mamíferos, desde o homem até cães, gatos, cavalos, alguns roedores e marsupiais.

Paulo Abílio cita que também existem meios de transmissão não vetoriais, como a vertical (transplacentária), por transfusão sanguínea e até sexual, que está sendo objeto de investigação científica.

“Pesquisas recentes mostraram a presença de *Leishmania* sp. em cadeias e em tecidos ou secreções do trato reprodutivo, principalmente no trato reprodutivo de cães machos, validando o risco de transmissão venérea. Esses dados tornam a castração de animais positivos uma medida sanitária recomendada”, esclarece.

DA ZONA RURAL PARA O MEIO URBANO. Por anos a Leishmaniose foi considerada uma doença de ambiente rural, mas aos poucos foi adentrando no espaço urbano. Esse processo aconteceu, principalmente, devido ao desmatamento e - na prática - foram os seres humanos que invadiram o habitat natural dos flebotomíneos.

“O desmatamento desenfreado, com certeza, gerou um desequilíbrio no meio ambiente, fazendo com que houvesse um aumento do número dos casos de Leishmaniose no meio urbano. Além disso, com a urbanização, o flebotomíneo encontrou matéria orgânica para se multiplicar. Logo, nós invadimos o ecossistema do mosquito-palha e criamos um ambiente propício para a sua multiplicação”, explica a especialista.

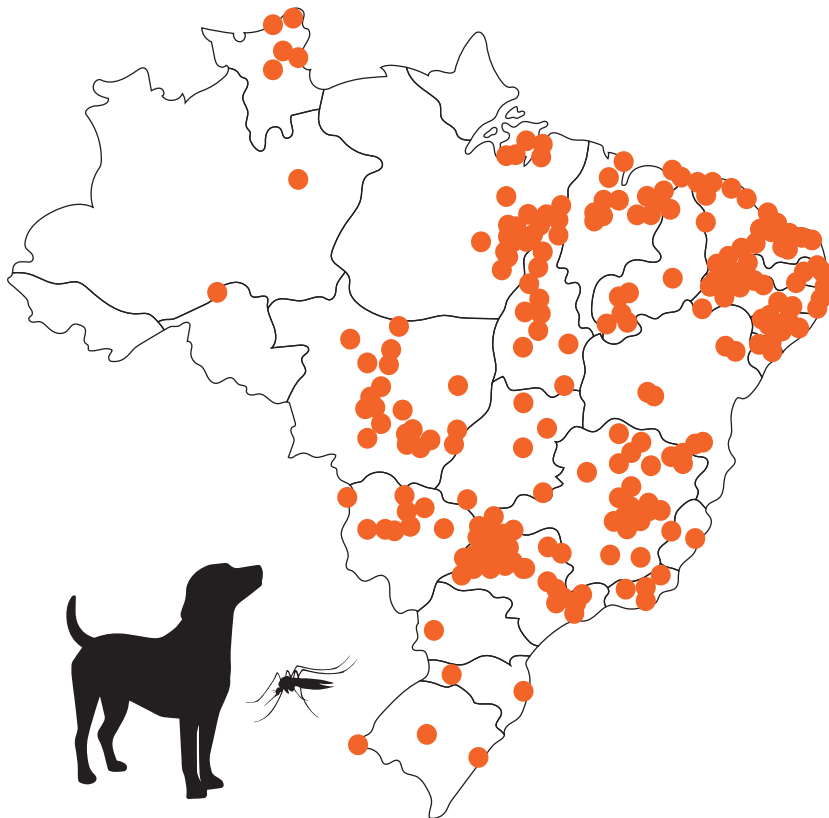
Toda essa mudança de habitat fez com que fosse mais simples do protozoário completar o seu ciclo.

Conforme cita Lima, o ciclo de transmissão da Leishmaniose começa com a picada do flebotomíneo em um animal doente ou infectado, que pode ter em sua pele uma grande quantidade de formas amastigotas de *Leishmania*.

Em seguida, o mosquito-palha faz o repasse sanguíneo, se alimentando. Nessa etapa as fêmeas se alimentam e ingerem as *Leishmanias* que estão na pele do animal. “Dentro do intestino do flebotomíneo as *Leishmanias* ingeridas passam da forma amastigota para a promastigota metacíclica infectante. A

LEISHMANIOSE AQUI NO PAÍS

PERCEPÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE LEISHMANIOSE CANINA NO BRASIL A PARTIR DO PROJETO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE DE ZOOSE - VICON SAGA ZOOSE



partir daí, o vetor torna-se, novamente, um transmissor da doença, podendo picar o ser humano ou outros mamíferos e transmitir as promastigotas”, relata.

POR QUE OS CÃES? Sempre que se fala em Leishmaniose é comum realizar a correlação com os cães. Porém, o que torna a espécie mais suscetível no que diz respeito a doença? A médica-veterinária relata que, realmente, esses animais são mais susceptíveis. Diversos são os motivos para isso, como a temperatura corporal mais alta e a maior exposição ao flebotomíneo.

“No entanto, a principal resposta para essa pergunta é que os cães adoeçam mais facilmente porque sua resposta imune não é tão eficiente a ponto de lhes conferir proteção ao protozoário. Logo, existe uma relação com a resposta genética do animal”, pontua Romeika.

Ainda de acordo com a especialista, geralmente, os cães jovens adul-

tos são os mais acometidos, assim como os animais semi-domiciliados, que dormem em quintais e casinhas.

“A raça também pode influenciar no adoecimento dos cães e sabe-se que algumas são mais resistentes, como, por exemplo, os *bizans* e *houds*. Por outro lado, *rottweiler*, *pug*, *buldogue francês*, *cocker spaniel* e *boxer* estão entre as raças com predisposição genética para a manifestação Leishmaniose”, exemplifica.

E OS GATOS? Muito se discorre sobre a baixa incidência da Leishmaniose em gatos. Sobre isso, Romeika faz alguns questionamentos: será que a enfermidade é, de fato, menos comum ou não é realizado um levantamento sobre a espécie? Além disso, o que é menos comum, a infecção ou o adoecimento - ou ambos?

Estatisticamente, nos consultórios o diagnóstico da Leishmaniose em gatos não é tão frequente. Algumas podem ser

as causas para essa menor ocorrência.

Para a profissional, um dos pontos principais é o fato dos gatos serem menos atrativos aos flebotomíneos, devido a temperatura corporal periférica menor do que a vista nos cães.

“Mais um fator importante é que os felinos possuem sensibilidade cutânea maior e o ato da picada para a execução do repasse sanguíneo é doloroso, fazendo com que eles se movimentem”, afirma.

Porém, Lima pontua que essas são suposições. Mesmo assim, reforça que existe a incidência da doença na espécie, mesmo que menos frequente.

“Os gatos adoecem, se infectam e podem ser só portadores assintomáticos também. Nós já sabemos disso”, cita.

GENÉTICA E SISTEMA IMUNE. A resposta imunológica do animal frente a contaminação por *Leishmania* depende diretamente da resposta imunológica do hospedeiro e a patogênica da doença é resultado de um complexo equilíbrio entre a resposta celular (Th1) e a resposta humoral (Th2).

“A progressão para a forma visceral e sintomática da enfermidade é tipicamente associada a uma resposta humoral exacerbada (perfil Th2 ineficaz), caracterizada pela produção elevada de anticorpos, particularmente IgG2 anti-*Leishmania*. Essa produção maciça de anticorpos não é protetora, mas sim patológica, levando à formação de imunocomplexos que causam danos sistêmicos”, explica o doutor em Ciências Veterinárias.

Por outro lado, os animais que demonstram resistência a doença, permanecendo assintomáticos, geralmente criam uma resposta celular eficaz (Th1), que envolve a produção de citocinas como o Interferon-gama e a Interleucina-2 (IL-2), essenciais para a ativação macrófaga e a destruição intracelular do parasita.

“No entanto, a Leishmaniose canina apresenta nuances em comparação com o modelo murino clássico, onde a associação entre a resposta Th1 e o controle da infecção é mais clara. Durante o período pré-patente o parasita demonstra uma notável capacidade de evasão imunológica. A infecção inicial e a invasão de órgãos ocorrem em um cenário de aparente silêncio imunológico



O DESMANTAMENTO DESENFREADO, COM CERTEZA, GEROU UM DESEQUILÍBRIO NO MEIO AMBIENTE, FAZENDO COM QUE HOUVESSE UM AUMENTO DO NÚMERO DE CASOS NO MEIO URBANO

ROMEIKA REIS LIMA,
MÉDICA-VETERINÁRIA ESPECIALISTA
EM DERMATOLOGIA
E MEMBRO DO BRASILEISH

na circulação periférica. A expressão de citocinas Th1 protetoras por linfócitos do sangue periférico é frequentemente indetectável ou inibida nos primeiros meses pós-infecção”, cita.

Ainda conforme o veterinário, a ausência de reação celular imediata permite que a *L. infantum* se estabeleça em órgãos-chave, como a medula óssea e os linfonodos.

Ao garantir uma infecção crôni-

ca e evitar a morte prematura do hospedeiro, o parasita maximiza o tempo em que o cão atua como reservatório infeccioso, o que é fundamental para a manutenção do ciclo de vida do protozoário na natureza.

LEISHMANIOSE VISCERAL X LEISHMANIOSE TEGUMENTAR. Nos cães as principais formas de Leishmaniose são a visceral e a tegumentar, causadas por espécies de *Leishmania* distintas. Entretanto, a Leishmaniose Visceral é a mais preocupante devido ao seu potencial zoonótico.

“No Brasil, a tegumentar é causada pela *Leishmania braziliensis* e *amazonensis*, enquanto a *Leishmania infantum* é a que causa a forma visceral, porém também pode desencadear lesões cutâneas. Por isso, muitas vezes, existe confusão ao diferenciá-las”, pontua a dermatologista.

Outro desafio é que os testes sorológicos não são claros quanto ao protozoário que está causando a doença, existindo a possibilidade de sobreposição no teste.

“Portanto, de forma geral, para saber qual é o tipo de *Leishmania* é preciso fazer alguma prova de especiação, como PCR e cultura para identificação de espécie. Mas, de fato, os exames para o diagnóstico rotineiro da Leishmaniose, como a sorologia, não nos ajudam a diferenciar qual é a *Leishmania*”, ressalta.

Inclusive, a médica-veterinária comenta que ainda existem muitas espécies de *Leishmania* no mundo que seguem desconhecidas ou já estão sendo estudadas.

MANIFESTAÇÃO CLÍNICA DIVERSA. Um dos grandes desafios da Leishmaniose é que a doença possui uma manifestação clínica variada. “Existe uma ampla gama de sintomas e a manifestação clínica mais comum, sem sombra de dúvidas, é a dermatológica, que representa de 60% a 70% dos casos”, relata Romeika.

Segundo ela, os quadros cutâneos são caracterizados por feridas em ponta de orelha e sobre as protuberâncias ósseas que não cicatrizam, lesões em focinho e ao redor da pálpebra, pele com muita descamação, queda de pelo e unhas que crescem exacerbadamente, condição chamada de onicogribose.

Os animais também podem apresentar emagrecimento exacerbado, »

COMPLICAÇÕES DA LEISHMANIOSE

Sistema acometido	Complicação clínica principal	Manifestações clínicas associadas	Significância Clínica/Prognóstico
Renal	Nefropatia associada (Glomerulonefrite)	Proteinúria, azotemia (insuficiência renal), hipoalbuminemia	Principal causa de mortalidade; monitoramento da função renal é essencial
Tegumentar	Dermatoleish	Alopecia, descamação, dermatite ulcerativa, onicogribose (50%-90%)	Mais comum clinicamente; relevância epidemiológica (reservatório)
Linfóide	Linfadenomegalia/visceromegalia	Aumento de linfonodos (55%), esplenomegalia (83%), hepatomegalia (50%)	Reflete a proliferação parasitária e a atividade do sistema fagocítico mononuclear
Hematológico	Anemia, trombocitopenia	Mucosas pálidas (14,7%), coagulopatias	Comum em estágios avançados, está associada à imunossupressão e disfunção medular

sangramento nasal e dor articular a ponto de não conseguirem apoiar o membro.

“Alguns pacientes ainda desenvolvem doença renal e tudo isso pode acontecer de forma conjunta ou atingindo um órgão de cada vez. Tem cão que só possui acometimento renal, outros apenas cutâneo e assim por diante”, explica.

COMPLICAÇÕES SÃO INÚMERAS. A pele dos cães atua como um importante compartimento de armazenamento para o protozoário *Leishmania infantum* e desempenha um papel crucial na patogenia e epidemiologia da doença.

Paulo Abílio relata que a disseminação da *Leishmania* da derme para os órgãos viscerais é facilitada por um mecanismo ativo de manipulação celular, que permite a migração do protozoário dentro de seu hospedeiro primário para as células do sistema fagocítico mononuclear.

“Este processo tem sido descrito como mecanismo do “Cavalo de Tróia”, no qual depois da infecção a *Leishmania* induz alterações funcionais em moléculas de superfície de certas células imunes, que normalmente se ancorariam na derme através de moléculas de adesão, fazendo com que sua função seja alterada”, explica.

Deste modo, o padrão de disseminação típico do protozoário segue uma cronologia, tendo início em

linfonodos regionais e medula óssea (de três a seis meses após a infecção), progredindo para a pele (a partir de seis meses) e atingindo o baço, fígado e rins em estágios mais avançados (após cerca de nove meses).

O especialista comenta que as manifestações dermatológicas, didaticamente chamadas de “Dermatoleish”, são as mais visíveis e comuns nos animais infectados. No entanto, o comprometimento visceral é o que representa maior gravidade, sendo a “Nefroleish” a principal causa de mortalidade.

“A deposição de imunocomplexos nos rins leva à glomerulonefrite, manifestando-se clinicamente através de proteinúria, azotemia e evolução para Doença Renal Crônica (DRC). Simultaneamente, o animal pode apresentar alterações oculares importantes (“Oftalmoleish”), como uveíte e ceratoconjuntivite seca, e comprometimento locomotor (“Ortoleish”), caracterizado por poliartrites, miosites e uma marcante atrofia muscular, visível principalmente na região temporal”, afirma.

Todo o quadro clínico pode se agravar ainda mais por conta de disfunções hematológicas, chamadas de “Hematoleish”, como anemia, trombocitopenia e coagulopatias, que resultam em episódios de epistaxe.

“Embora menos frequentes, também podem existir acometimentos

neuroológicos, gastrointestinais, cardíacos e pulmonares. É crucial destacar que a presença de coinfeções com outras hemoparasitoses atua como um fator complicador, intensificando a sintomatologia e piorando o prognóstico do paciente”, ressalta.

Para complementar, o especialista pontua que a Leishmaniose induz um estado catabólico crônico e de má absorção intestinal, conhecido como enterite linfoplasmocitária. Todos esses aspectos, somados ao estresse oxidativo inflamatório e a depleção das reservas nutricionais, podem levar deficiência de Vitamina D (25-hidroxitamina D), que tem sido correlacionada com pior estadiamento clínico e progressão da doença renal.

A IMPORTÂNCIA DO ESTADIAMENTO. O estadiamento da Leishmaniose é uma ferramenta que permite aos médicos-veterinários definir o tratamento, prognóstico e acompanhamento dos animais infectados pela doença.

Segundo Paulo Tabanez, médico-veterinário pós-graduado em Clínica Médica e Cirúrgica e Oncologia de pequenos animais, mestre em Imunologia e Infectologia pela Universidade de Brasília (UnB) e membro fundador do Brasileish, o estadiamento da enfermidade é pautado nas diretrizes do Brasileish e composto por seis



estádios. “De modo geral, podemos classificar os pacientes em animal exposto (1); animal infectado e sadio (2); e animal doente (3,4,5 e 6)”, explica.

Atualmente, existe apenas o estadiamento para cães, que é descrito por alguns grupos de pesquisa no Brasil e no mundo, sendo realizado a partir de exame clínico e exames laboratoriais, de imagem, parasitológicos/moleculares e sorológicos.

“Não temos estadiamento estabelecido para outras espécies. No caso dos felinos, adaptamos o que possuímos em cães para as peculiaridades dos gatos. No entanto, a doença se comporta de forma diferente na espécie e as publicações sobre a Leishmaniose em felinos ainda são escassas”, pontua.

ACOMPANHAMENTO. Após o estadiamento, os animais doentes devem passar por um acompanhamento veterinário frequente. “No animal infectado os exames de acompanhamento devem ser requisitados um mês após o tratamento, a cada três ou quatro meses no primeiro ano e a cada seis a 12 meses após remissão da doença. Contudo, isso varia de acordo com cada caso, a necessidade do paciente e a avaliação do profissional”, esclarece.

Já citando os animais infectados e sadios, Tabanez orienta que a realização de exames deve ocorrer a cada três, seis ou 12 meses, considerando os mesmos critérios. “A expectativa de vida de cães com Leishmaniose é bastante variável. Um cão com a doença pode viver o mesmo tempo de um sem Leishmaniose. Entretanto, o que mata animais com a enfermidade é a

disfunção renal. Por isso, é preciso ter uma atenção especial à saúde dos rins durante o estadiamento”, comenta.

TODOS DEVEM SER TESTADOS. Paulo recomenda que em áreas endêmicas todo animal deve ser testado sorologicamente a cada seis meses ou um ano como forma de triagem, independente de sinais clínicos. “Se há desconfiância de infecção no paciente é necessário realizar a pesquisa de acordo com o fluxograma das diretrizes do Brasileish, associando exames sorológicos, parasitológicos e moleculares. Após o diagnóstico de infecção, o animal deve ser estadiado, por meio da avaliação clínica, laboratorial e de imagem, a fim de se definir a terapia e o prognóstico do paciente”, informa.

A escolha da estratégia diagnóstica deve ser pautada no objetivo clínico, ou seja, triagem ou confirmação, no status sintomático do animal e nas diretrizes oficiais de vigilância. Além disso, é importante sempre associar dados clínicos, epidemiológicos e laboratoriais.

“A sorologia é a técnica de eleição para o diagnóstico laboratorial inicial e triagem populacional em áreas endêmicas, devido à sua alta sensibilidade. No Brasil, o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) preconizam a utilização de testes sorológicos sequenciais como um teste de triagem, geralmente um teste rápido imunocromatográfico, seguido por um teste confirmatório, como ELISA”, explica Lisboa.

Essa combinação de dois mé- »

“ A DEPOSIÇÃO DE IMUNOCOMPLEXOS NOS RINS LEVA A GLOMERULONEFRITE, MANIFESTANDO-SE CLINICAMENTE ATRAVÉS DE PROTEINÚRIA, AZOTEMIA E EVOLUÇÃO PARA DOENÇA RENAL CRÔNICA (DRC) ”

PAULO ABÍLIO VARELLA LISBOA, MÉDICO-VETERINÁRIO, MESTRE E DOUTOR EM CIÊNCIAS VETERINÁRIAS E PESQUISADOR DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ



todos aumenta, significativamente, a acurácia diagnóstica e, ainda segundo o médico-veterinário, em animais sintomáticos, ou quando os resultados sorológicos são divergentes, o clínico deve buscar a detecção direta do parasita via teste parasitológico ou PCR, que oferece a confirmação definitiva da infecção.

QUAL AMOSTRA ESCOLHER? De acordo com Paulo Abílio, a escolha da amostra para o diagnóstico de Leishmaniose depende do tipo de teste a ser realizado.

Como nos testes sorológicos (ELISA e Testes Rápidos) o diagnóstico se baseia na detecção de anticorpos circulantes contra a *Leishmania infantum*, a amostra de eleição é o soro ou plasma sanguíneo.

Já para detecção direta e molecular através de teste parasitológico e PCR são necessárias amostras de tecido com alta carga parasitária. “Amostras viscerais, como o aspirado de medula óssea ou linfonodo, são tradicionalmente as mais utilizadas para a visualização parasitológica e cultura. Por outro lado, as amostras cutâneas, como as biópsias de pele, são altamente eficazes, especialmente para técnicas moleculares (PCR), devido à alta taxa de dermatotropismo do parasita. Inclusive, apesar do custo mais elevado, a PCR é considerada uma técnica de alta sensibilidade e especificidade para detecção de DNA parasitário em sangue e tecidos”, pontua.

Por sua vez, os testes rápidos disponíveis no mercado, geralmente, são projetados para a detecção qualitativa de anticorpos. A principal diferença em relação aos métodos tradicionais, como ELISA e RIFI, está na rapidez da obtenção do resultado e a simplicidade operacional.

“Embora sejam um avanço na agilidade, eles podem apresentar uma taxa de erro (falso-positivos e falso-negativos) que compromete a acurácia, especialmente em animais assintomáticos ou em fases iniciais da soroconversão. Por essa razão, o protocolo oficial de vigilância estabelece que o teste rápido serve primariamente como triagem. Se o resultado for positivo, deve ser obrigatoriamente seguido por um teste confirmatório de maior especificidade, como o ELISA, para garantir a precisão do diagnóstico”, afirma o doutor.



“ O QUE MAIS MATA ANIMAIS COM LEISHMANIOSE É A DIFUNÇÃO RENAL. POR ISSO, É PRECISO TER UMA ATENÇÃO ESPECIAL À SAÚDE DOS RINS DURANTE O ESTADIA- MENTO ”

PAULO TABANEZ, MÉDICO-VETERINÁRIO MESTRE EM IMUNOLOGIA E INFECTOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) E MEMBRO FUNDADOR DO BRASILEISH

EXISTE REMISSÃO. Atualmente não existe no Brasil nenhuma droga capaz de levar a cura parasitológica, ou seja, eliminar o parasito da Leishmaniose no animal tratado. Porém, é possível alcançar a remissão. Dessa forma, um cão consegue atingir a remissão completa da doença e não apresentar mais alterações clínicas ou laboratoriais e – ainda assim – estar infectado. “Essa remissão pode ser curta ou duradoura e depende de vários fa-

tores, como genética, resposta individual do paciente, imunidade, intervenções médicas, entre outros. Contudo, o cão pode ter recaídas, voltar a apresentar doença e precisar de novas intervenções”, informa Paulo Tabanez.

Com relação às alternativas de tratamento disponíveis, além da miltefosina, está disponível uma outra droga para combate da Leishmaniose em cães: um antibiótico à base de marbofloxacino.

“Um ponto importante na discussão da terapia é que ela não deve ser feita com apenas uma droga e, sim, com a associação de drogas que sejam leishmanioestáticas (capazes de reduzir a reprodução da *Leishmania*), leishmanicidas (capazes de matar o parasita) e imunomoduladoras (responsáveis por regular resposta imune do animal). Logo, o tratamento deve ser multimodal”, explica.

Já há um tempo a imunoterapia também tem sido estudada como forma de tratamento para a enfermidade.

Lisboa esclarece que o objetivo da técnica é reverter a resposta Th2 (suscetível) para Th1 (celular/protetora), sendo possível usá-la desde o início do diagnóstico (Estágios I e II do Brasileish) e como profilaxia.

“Hoje, a domperidona é o principal fármaco imunomodulador aprovado para Leishmaniose em cães e atua no aumento da proliferação de linfócitos com potencial microbicida. Inclusive, o uso de imunoterapia adjuvante na forma de vacina, já disponível no Brasil, pode funcionar como forma terapêutica (após a infecção), mas ainda é um tema de debate regulatório e científico”, cita.

Já conforme Tabanez, outro aspecto importante a ser considerado durante o tratamento é a possibilidade de coinfeções, o que tem sido bastante comum e representa um desafio para os clínicos, confundindo e dificultando o diagnóstico, a terapia e o prognóstico.

Logo, a terapia deve ser acompanhada até a remissão clínica e os exames realizados periodicamente a fim de se prever ou prevenir as recaídas.

“Todos os pacientes - infectados ou não - devem usar repelentes/inseticidas a base de piretróide. Também indica trocar rotineiramente os repelentes/inseticidas tanto em animais infectados, quanto nos não infectados”, finaliza. ■



Corrida por especialização impulsiona ganhos dos veterinários no Brasil

A Medicina Veterinária vive uma grande transformação no Brasil. A expansão da população de animais de companhia e a mudança no perfil dos tutores, cada vez mais atentos e exigentes, têm alterado a forma como os serviços são prestados e como os profissionais estruturam sua carreira.

Clínicas que antes trabalhavam com procedimentos mais básicos hoje incorporam diagnósticos por imagem, terapias avançadas e especialidades que exigem conhecimento técnico aprofundado. Esse movimento amplia as oportunidades, mas também eleva as responsabilidades da prática veterinária.

O que mais se destaca nesse cenário é a velocidade da especialização. O Radar Vet 2025 mostra que 66% dos médicos-veterinários já concluíram ou estão cursando pós-graduação.

A formação adicional deixou de ser uma opção e passou a ser parte da trajetória natural de muitos profissionais. Isso ocorre porque o mercado demanda mais preparo, mais precisão e mais capacidade de lidar com casos complexos, e essa expectativa vem diretamente dos tutores, que pesquisam, comparam e chegam às clínicas buscando atendimento qualificado.

Outra mudança importante é a renovação geracional. Veterinários com até 29 anos representam 43% dos profissionais que realizam cirurgias especializadas, 43% dos que conduzem exames diagnósticos e 46% dos que atuam em internação. Isso mostra que os profissionais mais jovens não esperam acumular anos de experiência para se especializar; eles entram no mercado sabendo que aprofundar a formação é parte indissociável da carreira.

Esse cenário também se reflete na remuneração. Os veterinários autônomos registram

renda média próxima a quatro salários mínimos. Entre os que atuam com vínculo empregatício, a média chega a cinco salários mínimos.

Proprietários de clínicas e hospitais veterinários, que acumulam gestão e atendimento, alcançam cerca de seis salários mínimos. Embora a especialidade escolhida influencie esses valores, ela não é o único determinante. Organização da rotina, clareza na comunicação com tutores e capacidade de gerir a operação têm impacto direto na percepção de valor e na evolução financeira.

As redes sociais, hoje presentes na rotina de veterinários de todas as regiões, ampliaram o alcance do trabalho e se tornaram ferramenta de relacionamento com os tutores.

O desafio está em equilibrar a visibilidade com responsabilidade, garantindo que informações técnicas sejam transmitidas de forma clara, correta e compatível com a conduta profissional esperada. O que os dados e a prática mostram é um setor que cresce, mas que também se sofisticou. O aumento da demanda significa mais atendimentos, mas também mais exigência por diagnósticos precisos, manejo adequado e comunicação transparente.

A especialização atende a esse movimento, mas precisa caminhar ao lado de competências complementares que se tornaram essenciais para o exercício da profissão.

Tudo indica que a Medicina Veterinária caminha para um modelo em que técnica, gestão e comunicação formam os pilares do desenvolvimento profissional. A formação contínua fortalece a carreira individual, melhora a entrega ao tutor e contribui para um setor mais preparado para acompanhar a evolução da saúde animal no país. ■

Gabriela Mura é diretora de mercado e assuntos regulatórios do Sindan



CALOR, SOL E DESAFIOS PARA A SAÚDE DE CÃES E GATOS

O VERÃO É A ESTAÇÃO MAIS AGUARDADA POR MUITAS PESSOAS. PORÉM, COM A SUA CHEGADA **AUMENTA A INCIDÊNCIA DE ALGUMAS DOENÇAS EM PETS**

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

De hipertermia a queimaduras plantares, dermatopatias e doenças transmitidas por parasitas, essa é uma das estações que mais requer cuidados com os animais de estimação.

A médica-veterinária pós-graduada em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, mestre em Ciência Animal e docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Jaguariúna (UniFAJ), Aline Ambrogi, explica que o aumento expressivo de riscos à saúde dos pets nessa época se deve a combinação de calor intenso, umidade elevada e maior atividade de vetores.

“Cresce a incidência de hipertermia, queimaduras plantares em superfícies superaquecidas, infestações por pulgas, carrapatos e mosquitos, além de dermatopatias. Já animais idosos, obesos, cardiopatas, braquicefálicos ou com doenças respiratórias, apresentam capacidade reduzida de dissipar calor, tornando-se especialmente vulneráveis a descompensações clínicas e colapsos térmicos”, pontua.

Por todos esses fatores, há a necessidade de maior ventilação, hidratação e sombreamento nesse período.

ATENÇÃO PARA A HIPERTERMIA. Um dos principais perigos do verão para a saúde de cães e gatos é a hipertermia, que representa uma emergência, por ser potencialmente fatal. “Essa condição se torna mais comum no calor, sobretudo em cães braquicefálicos, cuja anatomia das vias aéreas reduz significativamente a eficiência da troca térmica. Como cães e gatos não suam como humanos e dependem, principalmente, da respiração para resfriamento, tornam-se mais suscetíveis a alterações térmicas extremas”, relata.

Inclusive, a hipertermia pode causar inflamação sistêmica e desencadear uma série de complicações, como lesão endotelial, desequilíbrios hidroeletrólíticos e potencial falência múltipla de órgãos.

DIVERSOS SÃO OS VILÕES. Todas as enfermidades transmitidas por vetores possuem maior incidência durante o verão. O motivo é simples: o aumento da temperatura e da umidade acelera o ciclo reprodutivo de pulgas, carrapatos e moscas, ampliando o risco de transmissão de agentes infecciosos.

A profissional pontua que nos cães é comum observar uma maior prevalência de doenças transmitidas por carrapatos, como Erliquiose e Babesiose, devido ao aumento da população de carrapatos. “Quadros de míases, como bicheiras e bernes, se tornam mais recorrentes porque a reprodução de moscas cresce significativamente nessa estação. Dermatites úmidas, otites e problemas cutâneos associados à umidade também se manifestam com maior frequência”, exemplifica.

Por outro lado, nos gatos se destaca a Micoplasmose, uma hemoparasitose transmitida, especialmente, pela pulga, que se intensifica na estação quente e pode levar a quadros de anemia, letargia, anorexia e perda de peso.

“Os felinos também podem apresentar dermatites alérgicas à picada de pulgas, que se tornam mais intensas pela rápida multiplicação desses ectoparasitas durante o verão. Além disso, embora menos frequente que em cães, o estresse térmico pode afetar os animais da espécie que vivem em ambientes pouco ventilados, são braquicefálicos, obesos ou têm acesso limitado a áreas de sombra, predispondo-os à hipertermia e à desidratação”, informa.

CUIDADOS REDOBRADOS. Segundo Igor Moretto Soffo, médico-veterinário especialista em Anestesiologia e Terapia Intensiva Veterinária e supervisor da Clínica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário do Centro Universitário Max Planck (UniMAX Indaiatuba), o verão exige atenção dobrada na prevenção de doenças e os profissionais da área possuem um papel fundamental para orientar os responsáveis pelos animais.

“O primeiro ponto de atenção é o ex-

cesso de calor, especialmente em animais braquicefálicos, que apresentam maior risco de desenvolver síndrome da angústia respiratória aguda quando expostos a temperaturas elevadas ou esforços físicos intensos”, afirma.

Para ele, outro cuidado importante está relacionado às queimaduras nos coxins, que podem ocorrer ao caminhar em pisos ou asfaltos muito quentes, comuns durante os dias ensolarados. “Já os pets com pele despigmentada ou áreas sem pelagem podem sofrer com dermatite solar quando expostos por longos períodos ao sol”, informa.

Além disso, o aumento de atividades externas neste período favorece o contato com animais sinantrópicos, o que pode resultar na transmissão de doenças, parasitas ou em acidentes.

Igor também alerta quanto ao risco aumentado de acidentes, como atropelamentos, brigas com outros animais e até afogamentos, especialmente em ambientes com piscinas ou praias. “Por isso, orientar os responsáveis sobre supervisão constante e uso de coleira com identificação atualizada é indispensável para prevenir situações graves”, cita.

SOL E PROTEÇÃO SOLAR. Muito se fala em protetor solar para seres humanos, mas ainda há pouco conhecimento quanto a esse produto na Medicina Veterinária, o que pode representar um perigo.

Soffo comenta que o uso de protetor solar em cães e gatos é importante, principalmente durante o verão, pois animais com áreas sem pelo ou regiões despigmentadas são vulneráveis aos danos causados pela radiação solar. “Hoje existem no mercado tanto protetores comerciais, quanto manipulados, com diferentes fatores de proteção e até componentes hidratantes, o que permite ao médico-veterinário escolher a opção mais adequada para cada paciente”, esclarece.

Na prática, a função do protetor solar é prevenir dermatites solares, que podem surgir após exposição pro- »

longada, e evitar danos cumulativos que, a longo prazo, podem evoluir para neoplasias cutâneas, como Carcinomas.

Por conta disso, o profissional afirma que, além da indicação correta do produto, é essencial orientar os responsáveis sobre a aplicação regular, especialmente nos dias de maior intensidade solar ou em animais que passam mais tempo ao ar livre. “As regiões que mais precisam de proteção são o plano nasal, área periocular, bordas das orelhas e abdômen. Nessas áreas a pele costuma ser mais sensível e desprotegida”, pontua.

HIDRATAÇÃO É INDISPENSÁVEL. De modo geral, não é necessário modificar a alimentação de cães e gatos no verão. Contudo, é essencial garantir hidratação adequada. Igor aconselha oferecer aos animais água sempre limpa e fresca e incluir alimentos úmidos, quando possível, na rotina dos pets, pois esse tipo de alimento ajuda a manter o animal bem hidratado, especialmente nos dias mais quentes. “Deve-se, ainda, evitar desvios na rotina alimentar durante férias, passeios e viagens. Nessas situações, é comum que os tutores compartilhem refeições ou ofereçam “agrados” com alimentos humanos, o que pode desencadear gastroenterites. Esses quadros, que envolvem vômitos e diarreia, aumentam o risco de desidratação, justamente em um período em que o organismo já está mais vulnerável ao calor”, informa.

Deste modo, o especialista indica para casos específicos — como viagens longas, exposição solar intensa ou animais com maior sensibilidade cutânea — a suplementação com betacaroteno e vitamina A. “Esses nutrientes têm ação fotoprotetora e podem ser administrados por via oral, mas sempre sob orientação do médico-veterinário”, explica.

ATENÇÃO À PRAIA E PISCINA. No calor, praias e piscinas ficam lotadas e muitos responsáveis levam seus animais para esses ambientes, visando minimizar as altas temperaturas. O problema é que os dois espaços oferecem um risco importante para cães e gatos: o afogamento.

Soffo esclarece que, embora muitos cães gostem de nadar e gastem bastante energia na água, a supervisão constante do tutor é indispensável. “No mar, as correntes podem arrastar o animal



No verão cresce a incidência de hipertermia, queimaduras plantares em superfícies superaquecidas, infestações por ectoparasitas e dermatopatias, explica **Aline Ambrogi**

para áreas mais profundas e nas piscinas muitos pets têm dificuldade de sair, caso não existam degraus ou rampas de acesso. Em casas com piscina, o ideal é que o pet só tenha acesso à área molhada quando houver alguém por perto”, cita.

Além disso, após o contato com a água do mar ou da piscina, é fundamental secar bem o animal, pois a umidade retida no pelo e na pele favorece a proliferação fúngica e bacteriana, principalmente na região dos ouvidos.

LITORAL E SEUS RISCOS. Viagens para o litoral são comuns no verão, mas requerem alguns cuidados preventivos para evitar algumas enfermidades, que costumam ser transmitidas nessas regiões.

“Para pets que vão ao litoral é fundamental manter a vermifugação em dia, especialmente pela presença de vetores que transmitem o verme do coração, a *Dirofilaria immitis*, causadora da *Dirofilariose*. A doença é grave, transmitida por mosquitos dos gêneros *Aedes*, *Culex* e *Anopheles* e moléculas como ivermectina e moxidectina ajudam a impedir o desenvolvimento do verme no organismo”, cita.

Associado a isso, o uso de produtos repelentes reduz o contato com mosquitos e complementa a proteção.

Já no caso dos antiparasitários externos, Igor afirma que eles são essenciais para prevenir infestações por pulgas e carrapatos — comuns no verão — e podem oferecer proteção adicional

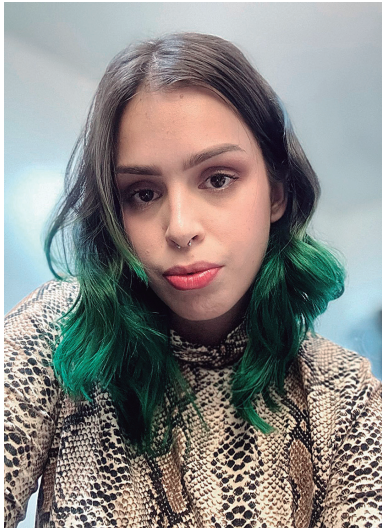


Igor Moretto Soffo: “O protetor solar previne dermatites solares e evita danos cumulativos que, a longo prazo, podem evoluir para neoplasias cutâneas”

contra insetos vetores. “Muitos produtos possuem ação repelente, o que é especialmente importante na prevenção da *Dirofilariose* e da *Leishmaniose*, visto que impedem o contato do mosquito com o animal. A escolha do produto ideal deve levar em consideração o estilo de vida do pet, a região visitada e a apresentação que o tutor consegue administrar com mais facilidade”, pontua.

O profissional também orienta que, em locais de mata ou áreas naturais, há maior chance de contato com animais silvestres — como morcegos, roedores, saruês e capivaras. Esse aspecto reforça a necessidade de vacinação adequada e uso contínuo de antipulgas e carrapaticidas, sendo importante lembrar do risco de acidentes, como mordeduras de capivaras ou ferimentos com espinhos de ouriços. “Para famílias que pretendem viajar, é fundamental que mantenham as vacinas e a vermifugação em dia e planejem adequadamente o transporte, garantindo segurança, conforto e hidratação durante o trajeto. Também é essencial orientar àqueles que deixarão seus animais em casa ou sob cuidados de terceiros sobre rotinas, alimentação e medidas preventivas”, conclui.

PEQUENOS PARASITAS, GRANDES RISCOS. Não é à toa que durante o verão há uma maior incidência de doenças transmitidas por vetores. Segundo a bióloga e responsável técnica da Diretoria de Meio Ambiente de Piedade (SP), Victória Luiza



Carrapatos machos e fêmeas precisam se alimentar do sangue de um hospedeiro para completar seu ciclo de vida, afirma **Victória Luiza de Oliveira Moraes**

de Oliveira Moraes, isso ocorre, principalmente, pela influência que a temperatura têm no ciclo de vida desses parasitas, visto que o calor e a umidade criam um ambiente propício para sua reprodução e - consequentemente - proliferação.

No meio urbano a espécie de carrapato mais encontrada é a *Rhipicephalus sanguineus*, porém também há a incidência de outras espécies, como o *Amblyomma cajennense*, conhecido popularmente como Carrapato-estrela. “A maioria dos carrapatos passa por quatro estágios de vida: ovo, larva com seis patas, ninfa com oito patas e adulto. Após eclodirem os ovos, os carrapatos precisam se alimentar de sangue em cada estágio para sobreviver e podem ter hospedeiros diferentes em cada uma das fases”, cita.

A profissional relata que esses parasitas tendem a viver em áreas de vegetação densa, especialmente do tipo rasteira, estando presentes em parques, gramados, matagais e até nos quintais das casas.

Conforme cita, tanto carrapatos machos, quanto fêmeas, precisam se alimentar do sangue de um hospedeiro para completar seu ciclo de vida. “Possuem dimorfismo sexual, sendo as fêmeas maiores que os machos para poder produzir uma grande quantidade de ovos. Entretanto, é difícil diferenciá-los a olho nu”, informa.

UNS SALTAM, OUTROS VOAM. Diferente dos carrapatos, somente as pulgas adultas parasitam os animais, enquan-

to os ovos, as larvas e as pupas ficam no ambiente, principalmente em solos arenosos, carpetes, tapetes, frestas e buracos de madeira e outros materiais.

Victória explica que o ciclo reprodutivo das pulgas também inclui quatro estágios: ovo, larva, pupa e adulto. “Após o acasalamento realizado sobre o hospedeiro, a fêmea deposita ovos que caem no ambiente e, depois de um tempo, eclodem liberando as larvas. Essas larvas se alimentam de matéria orgânica, se tornam pupas e, quando as condições são favoráveis, se transformam em pulgas adultas, reiniciando o ciclo”, esclarece.

Além das pulgas e carrapatos, no verão há uma maior incidência de mosquitos, que podem atuar como vetores de doenças graves, como Leishmaniose e Dirofilariose.

A bióloga pontua que as fêmeas são as responsáveis por picar os animais - e os seres humanos - pois necessitam de sangue para obter os nutrientes necessários para o desenvolvimento de seus ovos. Por outro lado, os machos, geralmente, se alimentam de compostos açucarados encontrados no ambiente, como néctar e seiva de plantas.


“Os hábitos das espécies de

AS ALTAS TEMPERATURAS E A UMIDADE FAVORECEM O DESENVOLVIMENTO DE PULGAS, CARRAPATOS E MOSQUITOS

mosquito variam. O *Aedes aegypti* tem hábitos diurnos, já o mosquito-palha costuma apresentar atividades predominantemente crepusculares e noturnas. Logo, cada espécie age de sua maneira, não sendo possível generalizar suas preferências”, informa.

Outra diferença é que o *Aedes Aegypti* é encontrado em áreas com incidência de água, em especial de água parada e, diferente do que diz a crença popular, ele não se reproduz apenas em água suja e a água limpa também é um possível criadouro. “Já o mosquito-palha prefere locais com pouca incidência de luz, sujos, úmidos e com bastante matéria orgânica. Por isso, recomenda-se a limpeza constante de ambientes que possam fornecer estas condições”, cita. ■





ZOONOSES EM ASCENSÃO ACENDEM ALERTA EPIDEMIOLÓGICO NO BRASIL

» **REBECCA VETTORE**

rebecca@dc7comunica.com.br

O ano de 2025 se mostrou particularmente desafiador para a saúde pública veterinária, sendo marcado pelo aumento expressivo de casos de esporotricose felina e pela reemergência da raiva em diferentes regiões do país.

Ambas as zoonoses, embora de naturezas etiológicas distintas, compartilham um ponto em comum: a necessidade urgente de fortalecimento das ações preventivas e de vigilância epidemiológica.

A esporotricose, micose cutânea causada por fungos do complexo *Sporothrix*, mantém trajetória ascenden-

te no território nacional. Classificada como enfermidade de relevância em saúde pública, pode acometer animais domésticos — especialmente felinos —, espécies silvestres e humanos.

A gravidade do cenário motivou a publicação da Portaria GM/MS nº 6.734, em março de 2025, que incluiu a esporotricose humana na lista de doenças de notificação compulsória em todos os serviços de saúde do país.

Os números reforçam a dimensão do problema. De acordo com dados da Vigilância Sanitária, em 2024 o estado de São Paulo registrou mais de

1.700 ocorrências confirmadas em humanos, distribuídos por cerca de 100 municípios, além de mais de 3.300 notificações em animais na capital.

O estado do Amazonas também apresentou avanço significativo: até setembro de 2025 foram contabilizados 1.469 episódios em humanos — incluindo uma eventualidade fatal associado a diagnóstico tardio — e 3.559 confirmações em animais, com elevada taxa de eutanásia entre felinos acometidos.

CASOS DE RAIVA NO PAÍS. Apesar de muito conhecida, a enfermidade potencialmente fatal já registrou mais de dez casos no Brasil só em 2025 e acomete cães, gatos, seres humanos e outros animais. Sua transmissão ocorre, especialmente, através de morcegos e a principal forma de prevenção é a vacinação.

Em dezembro, um filhote de cachorro de Salvador, na Bahia, foi diagnosticado com a doença. A cidade não registrava eventos da enfermidade em pets há mais de 20 anos. Em novembro, a cidade de Jundiá teve seu 1º caso da patologia em um animal em mais de 40 anos. Até aquele momento, o município havia notificado a existência de cinco ocorrências de morcegos com a enfermidade.

A cidade de Itupeva, também localizada no estado de São Paulo, registrou seu 2º acontecimento da doença infecciosa em animais hematófagos em setembro. No mesmo mês, Sorocaba, outra cidade paulista, registrou seu 5º caso em quirópteros.

Entre humanos, a doença contabilizou 50 ocorrências no país entre 2010 e 2025, reforçando a preocupação sanitária.

Com tantos casos acontecendo no Brasil, o setor veterinário deveria se preocupar? Será que os pets estão se imunizando como deveriam? É possível que exista um movimento antivacina por perto?

Para entender melhor o assunto, a **Revista Cães & Gatos** conversou com Modesto José de Almeida Neto, médico-veterinário e chefe clínico do Hospital Max Vet, localizado na zona leste de São Paulo.

VACINAÇÃO EM PAUTA: NEGLIGÊNCIA OU MOVIMENTO ANTIVACINA? Segundo Modesto, não há um levante de movimento antivacina em animais. “O que percebo é negligenciamento por parte de alguns responsáveis e até mesmo de profissionais, principalmente



Modesto José de Almeida Neto, médico-veterinário e chefe clínico do Hospital Max Vet

na imunização antirrábica. Muitas vezes, prioriza-se apenas a vacina múltipla e o baixo número de casos de raiva em cães e gatos contribui para essa negligência”, completa o veterinário.

Contudo, o chefe clínico pondera que movimentos radicais antivacina podem, sim, emergir no país. “Com a humanização dos pets, essa visão que surge entre humanos pode ser extrapolada para os animais. Com a rápida difusão de informações na internet, as chances de movimentos assim chegarem ao Brasil são grandes”, afirma Modesto.

E as consequências de um cenário desse tipo seriam amplas. “Considerando a natureza da doença infecciosa, os impactos seriam devastadores para a saúde pública. A raiva é uma das piores enfermidades do mundo, com raríssimos sobreviventes e, quando existem, geralmente com sequelas graves”, explica.

DESEQUILÍBRIO AMBIENTAL. Em relação ao incremento dos registros de raiva em morcegos, o médico-veterinário explica que a dinâmica está ligada ao desequilíbrio ambiental.

“O avanço urbano, o desmatamento e a redução de áreas verdes forçam a alteração do comportamento dos quirópteros, aproximando-os dos centros urbanos em busca de abrigo e alimento”, diz.

Esse deslocamento favorece a intensificação da circulação viral dentro das colônias, resultando em aumento de positividade mesmo sem a presença de casos em cães, gatos ou humanos.

O profissional ressalta que o enfrentamento dessa situação deve se apoiar em três eixos principais: vigi-

O PAPEL DO VETERINÁRIO NA PREVENÇÃO

A ATUAÇÃO preventiva dos profissionais é decisiva no controle das zoonoses atualmente em ascensão. Neto enfatiza que muitos tutores não compreendem plenamente o risco epidemiológico envolvido. “Cabe ao veterinário traduzir esse risco de forma clara e contínua, reforçando que a vacinação anual não é opcional e que protege não apenas o animal, mas toda a comunidade”, conta.

Para ele, o trabalho preventivo vai muito além da administração do imunizante: envolve educação, combate à desinformação, identificação de lacunas no protocolo vacinal e orientação frente a potenciais exposições.

O veterinário também tem papel central na vigilância, reconhecimento de sinais suspeitos e encaminhamento adequado para diagnóstico.

Por fim, segundo Modesto, construir uma cultura de responsabilidade sanitária é o único caminho para impedir a reintrodução da raiva em populações domésticas e evitar que surtos silenciosos na fauna silvestre ganhem proporção urbana.

lância ativa, prevenção efetiva e educação populacional. A vacinação antirrábica de cachorros e felinos, segundo ele, não deve ser tratada como ação sazonal, mas como política contínua.

A análise laboratorial de morcegos encontrados mortos ou caídos permanece essencial para monitoramento. Além disso, Modesto reforça que a população deve compreender que o animal hematófago não representa risco isoladamente, mas que qualquer contato direto exige notificação imediata. ■

CUIDADO COM A NUTRIÇÃO E O MEIO AMBIENTE

SPECIAL DOG COMPANY ALIA INOVAÇÃO, CUIDADO COM OS PETS E COMPROMISSO AMBIENTAL PARA FORTALECER MODELO DE NEGÓCIO MAIS CONSCIENTE E SUSTENTÁVEL

A pauta sustentabilidade é abordada em diferentes setores e chegou ao pet food, sendo uma preocupação em diversas companhias, como a Special Dog Company.

Ciente da necessidade de cuidar do meio ambiente, a empresa tem como foco atrelar o seu desenvolvimento à preservação ambiental e à responsabilidade sociocultural. “Essa é uma prática compartilhada por empresas que compreenderam a importância de adotar um capitalismo mais consciente, que cuida da cadeia de valor enquanto impulsiona o negócio. O consumidor reconhece, cada vez mais, essas companhias e, ao valorizá-las, contribui para que o ciclo virtuoso da sustentabilidade se fortaleça”, comenta João Paulo Figueira, gerente de Desenvolvimento Sustentável da Special Dog Company.

Pesquisas recentes mostram justamente esse movimento, como um estudo realizado por Lonnie Hobbs Jr., Ph.D., professor assistente do Departamento de Economia Agrícola da Universidade Estadual do Kansas (EUA), com mil responsáveis por animais.

De acordo com a investigação, 28% dos entrevistados afirmaram que consideram um conjunto de atributos ligados à sustentabilidade no momento de adquirir alimentos para seus pets. Na prática, isso é visto na Special Dog.

“A qualidade, grande diferencial competitivo nas últimas décadas, já se tornou uma commodity para os principais players do mercado. Ela deixou de diferenciar as principais empresas, uma vez que todas alcançaram elevados níveis de excelência. Hoje, a sustentabilidade passa a ocupar esse espaço como diferencial competitivo, influenciando positivamente a decisão de compra do consumidor. Assim, o consumidor contribui com a sociedade e com o planeta por meio de um gesto simples, porém extremamente relevante, ao optar por produtos de empresas mais responsáveis e conscientes”, cita o gerente.

ESTRATÉGIAS SUSTENTÁVEIS.

Para definir quais serão as estratégias sustentáveis realizadas, a Special Dog Company executa constantes pes-

quisas e diagnósticos. Dessa forma, é possível estabelecer as prioridades.

“A partir desses processos foi possível identificar que os principais temas a serem trabalhados são: gestão hídrica, gestão de resíduos, equidade de gênero e educação. Esses pilares, aliados a um trabalho cultural relevante conduzido pelo Centro Cultural Special Dog, norteiam uma parcela significativa das ações de sustentabilidade da companhia”, explica João.

Os resultados dessas frentes são vistos no Relatório de Sustentabilidade 2024, divulgado em 2025, que mostra avanços consistentes nas frentes ambiental, social e econômica, com base nas diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI).

Segundo o documento, no pilar ambiental a companhia reaproveitou mais de 89 milhões de litros de água



e desviou 99,1% dos resíduos de aterros, conquistando novamente a certificação Lixo Zero, um marco relevante para o setor de pet food no Brasil.

“O ano de 2024 também foi marcado pelo lançamento da linha Super Premium Bionatural, que simboliza a entrada da empresa no segmento natural e reforça seu posicionamento ao unir saúde, qualidade e sustentabilidade, com embalagens 100% recicláveis e o uso de ingredientes de origem responsável”, pontua o profissional.

Já em 2025 a novidade foi o Bionatural Sensitive, o primeiro alimento completo para pets produzido no Brasil com proteína de insetos como principal fonte de proteína animal.

Desenvolvido para cães de raças pequenas com peles sensíveis, o alimento no sabor peixe branco, coco, blueberry e ervilha, alia tecnologia nutricional, inovação sustentável e rigor científico em um fórmula completa, funcional e de alta digestibilidade.

O lançamento integra a linha Bionatural, reconhecida pelo uso de ingredientes funcionais, carboidratos complexos e proteínas de alto valor biológico, reforçando o compromisso da marca com a nutrição avançada e o cuidado com o planeta.

João ainda relata que a novidade carrega uma proposta muito consistente de sustentabilidade. Além dos atributos já esperados nessa categoria de alimentos, nele foi incorporada toda a experiência prática da empresa em desenvolvimento sustentável, construída ao longo de uma trajetória que completou dez anos em 2025.

“Os resultados têm sido positivos, com as expectativas de vendas sendo superadas a cada trimestre. Esse cenário reforça a importância da sustentabilidade como um fator relevante na decisão de compra do consumidor”, cita.

CERTIFICAÇÃO LIXO ZERO. Em 2023, a Special Dog Company foi a primeira indústria de pet food a conquistar a Certificação Lixo Zero e em 2024 ganhou novamente o certificado.

Segundo o gerente de Desenvolvimento Sustentável da companhia, a gestão de resíduos se tornou um importante case de sucesso da empresa, a consolidando como referência tan-



João Paulo Figueira, gerente de Desenvolvimento Sustentável da Special Dog Company

to para o setor, quanto para a indústria brasileira de forma mais ampla.

“Em 2025, atingimos 99,1% de reciclabilidade, considerando o desvio de resíduos de aterro — um resultado extremamente expressivo, especialmente para uma indústria com aproximadamente dois mil colaboradores e uma produção média mensal superior a 24 mil toneladas de alimentos. Para 2026, seguiremos em busca do desvio total de aterro — que representa 100% de reciclabilidade”, afirma.

Outro ponto importante e destacado por João é que, mesmo que se imagine que o nível elevado de gestão de resíduos possa representar um alto custo para a organização, o resultado é surpreendente: há muitos anos a gestão de resíduos da Special Dog gera saldo financeiro positivo para o caixa da empresa.

PROGRAMAS QUEREM REFLETEM SUSTENTABILIDADE. Com a sustentabilidade no centro das ações da Special Dog Company, a empresa decidiu fazer parte da Rede Brasil do Pacto Global.

“Desde 2019 somos signatários do programa e participamos de cinco dos dez movimentos do Pacto Global, com atuação em temas como equidade de gênero, saúde mental e segurança psicológica, gestão hídrica responsável, gestão de resíduos e compromisso com salários dignos. Em todos esses movimen-

tos assumimos metas ambiciosas, que contribuem para relações mais equilibradas entre nossas atividades e toda a cadeia de valor”, esclarece Figueira.

Ele ainda complementa que a companhia foi reconhecida por soluções inovadoras em sustentabilidade, incluindo o desenvolvimento de embalagens 100% recicláveis, alinhadas aos princípios da economia circular e à redução de impactos ambientais visados no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 12 (ODS 12).

“Em 2025, esse conjunto de ações foi reforçado pelo reconhecimento na premiação anual do Movimento +Água, evidenciando a consistência da nossa atuação também no ODS 6”, afirma.

Além disso, para garantir mais transparência e responsabilidade no que diz respeito as práticas sustentáveis da companhia, foi criado o Programa MAIS Sustentável em 2022.

A iniciativa surgiu como uma consequência natural do processo de transversalização da sustentabilidade na organização e foi estruturada uma governança para esse processo. “O MAIS Sustentável tem contribuído de forma consistente para que a sustentabilidade seja considerada nas decisões estratégicas da companhia”, comenta João.

GRANDES PLANOS. Para 2026 os esforços da Special Dog Company no que diz respeito a sustentabilidade continuarão fortes.

Neste ano, a empresa planeja continuar economizando mais de 80 milhões de litros de água potável, o que representa quase 40% de toda a água utilizada.

Para complementar, estando atenta as tendências de mercado e as principais agendas voltadas para sustentabilidade, pretende cumprir todos os compromissos já assumidos.

“Temos compromissos públicos assumidos nas diversas frentes de atuação mencionadas e acompanhamos de forma contínua as principais tendências de mercado. A transição energética e a descarbonização estão entre os assuntos de maior relevância atualmente, e estamos atentos a essas agendas, com importantes diagnósticos concluídos em 2025 e a elaboração do Plano de Mitigação de Emissões dos Gases do Efeito Estufa prevista para 2026”, finaliza Figueira. ■

**NUTRIÇÃO
DE CÃES E
GATOS **IDOSOS:**
O QUE PODEMOS
PREVENIR?**



► ERIKA PEREIRA, MONIQUE PALUETTI E THAIS XIMENES

A longevidade dos cães e gatos tem aumentado de forma constante e inegável nos últimos anos, estando vinculada a aspectos que compreendem tanto o indivíduo, por meio da seleção de raças, quanto a evolução da Medicina Veterinária como um todo^{1,2,3}. Diante desse cenário, a Medicina Veterinária preventiva tem ganhado destaque, acompanhando o crescimento do número de animais de companhia, e também a maior disponibilidade de bens e serviços veterinários para pequenos animais, especialmente na Ásia e na América Latina^{2,3}.

Apesar da senilidade, por si, não ser considerada uma doença, mas um estágio natural da vida, ela envolve alterações fisiológicas que devem ser identificadas, manejadas e, quando possível, prevenidas⁴. Atualmente, gatos são considerados sênior a partir dos 10 anos de idade, enquanto para cães essa classificação varia conforme o porte e a raça, de forma que cães de grande porte atingem a senilidade mais cedo quando comparados aos cães de pequeno porte^{5,6}. Uma das possíveis justificativas que correlacionam o maior porte dos cães à menor expectativa de vida é o maior tempo de exposição do animal ao Fator de Crescimento Semelhante à Insulina-1 (IGF-1), que promove o crescimento, porém potencialmente também reduz a longevidade⁷.

Alterações na capacidade de digestão e, conseqüentemente, do uso adequado dos nutrientes fornecidos pelo alimento, podem acontecer com o passar dos anos. Estudos sugerem que a adição moderada de fibras, em especial as fibras solúveis, melhora o aproveitamento do alimento tanto em cães quanto em gatos. Além da fibra, outro macronutriente estudado na senilida-

de é a gordura, cuja digestibilidade não aparenta decair significativamente em cães, mas sim em gatos idosos^{8,9}, o que reforça a importância de monitorar o emagrecimento progressivo nessa espécie, à medida que a idade avança, como pilar fundamental do manejo nutricional.

Outro ponto importante no manejo preventivo dos animais de companhia diz respeito à saúde renal. Observa-se redução na taxa de filtração glomerular (TGF), sobretudo em cães de raças menores, alteração observada até mesmo em humanos com o avançar da idade¹⁰. Nos gatos, existe uma forte relação entre o desenvolvimento da doença renal crônica e a idade (acima de 12 anos) associada, principalmente, à inflamação intersticial, atrofia tubular e fibrose. Um diferencial é que a proteinúria é rara nos estágios iniciais das glomerulopatias¹¹.

O entendimento sobre a classificação da doença renal crônica nos cães e gatos idosos de acordo com a International Renal Interest Society (IRIS)¹² é fundamental, uma vez que, nos casos de idade avançada, a perda de massa magra é esperada, seja decorrente de doença prévia ou não. Assim, torna-se essencial ponderar vantagens e desvantagens da restrição proteica nessa faixa etária^{12,13}.

Entretanto, o cuidado com a ingestão elevada de fósforo na senilidade é uma medida segura e amplamente atendida pela maioria dos alimentos comerciais de qualidade.

A adição de nutracêuticos na dieta também é uma questão relevante. Estudos com EPA e DHA avaliaram sua capacidade anti-inflamatória e o potencial de auxiliar no controle de doenças crônicas, como cardiopatias, dermatopatias, doença renal crônica, osteoartrites e distúrbios comportamentais, que são afecções comuns em cães e gatos senis^{14,15}.

É importante ressaltar que os efeitos estão relacionados não apenas à quantidade correta de EPA e DHA presentes nos produtos, mas também à oferta contínua do nutracêutico para manutenção dos benefícios^{14,16}.

Ainda sobre os nutracêuticos, sabe-se que o dano oxidativo celular que ocorre naturalmente com a idade está relacionado ao surgimento e piora de diversas afecções crônicas. Dessa forma, a adição de antioxidantes no manejo dos pacientes idosos também oferece vantagens.

Um dos antioxidantes naturais mais utilizados é o alfa-tocoferol (vitamina E), que atua interrompendo a cascata de oxidação ao impedir a propagação dos danos causados por radicais livres nas membranas biológicas. Um estudo realizado em 2004 indicou que a inclusão aumentada da vitamina E na dieta eleva sua concentração sérica e reduz a quantidade de subprodutos reativos gerados com a oxidação de lipídeos (chamados alkenais), quando comparado ao grupo de cães que não recebeu a suplementação¹⁷.

Tanto os ácidos graxos da família ômega-3 (EPA e DHA), quanto a vitamina E podem ser incorporados diretamente na formulação dos alimentos sênior ou administrados por via oral separadamente.

Além dos benefícios já citados, também apresentam resultados positivos no suporte da disfunção cognitiva secundária à idade^{14,17,18}.

Por fim, manifestações clínicas da Síndrome da Disfunção Cognitiva (SDC) são prevalentes na população de animais idosos, chegando a 28% dos casos em cães de 12 anos e aumentando para 68% em cães acima de 15 anos, segundo a percepção dos responsáveis^{19,20}.

Essa preocupação também se estende aos gatos idosos, estudos que avaliaram gatos acima de 11 anos relatam pos- ►►

sível diagnóstico de SDC em 35% dos casos. Nos felinos acima de 15 anos, mais de 50% demonstraram clínica da doença²¹.

A atenção aos sinais iniciais da SDC é essencial, partindo de alterações mais sutis, como alterações de comportamento e no ciclo sono-vigília, incluindo a inversão da atividade do dia para noite, até manifestações de desorientação e comprometimento de funções básicas, como alimentação e defecação. A intervenção precoce pode garantir melhor resposta terapêutica, retardar a progressão da doença e até promover melhora clínica do paciente^{19,22}.

Entre as estratégias mais promissoras, destaca-se o fornecimento de fontes energéticas capazes de gerar corpos cetônicos, uma vez que a eficiência do cérebro em utilizar glicose como fonte de energia diminui com a idade.

Em contrapartida, o aproveitamento de corpos cetônicos pode ocorrer de sete a nove vezes mais^{22,23}. A inclusão de triglicerídeos de cadeia média (TCM) na dieta constitui uma fonte viável para a geração desses corpos cetônicos, que atravessam a barreira hematoencefálica e a membrana mitocondrial, gerando ATP por meio do ciclo de Krebs e da fosforilação^{22,24}.

Os óleos TCM são as formas concentradas dos ácidos octanoico e decanoico, geralmente derivados do óleo de coco ou do óleo de palmiste. A concentração desses ácidos no óleo bruto dessas fontes é baixa, em torno de no máximo 12%, o que inviabiliza a suplementação eficaz apenas com óleo de coco ou palmiste na dieta.

Dessa forma, a adição de TCMs na dieta deve ser feita pela administração calculada de óleos purificados de TCM ou pelo uso de dietas comerciais que já contenham essa inclusão na dose adequada^{20,24}. A suplementação correta de TCM têm demonstrado melhora clínica significativa nos pacientes diagnosticados com SDC, principalmente nos estágios iniciais^{22,24}.

O avanço da Medicina Veterinária tem garantido maior sobrevida para nossos cães e gatos, tornando essencial o entendimento sobre as afecções mais frequentes e suas estratégias de prevenção e tratamento. A nutrição adequada, sobretudo em quantidades e com fontes ideais de proteína e fibra, além da adição de nutracêuticos específicos, podem proporcionar qualidade de vida não só para o paciente, mas também

para os responsáveis que acompanham o envelhecimento de seus animais.

Contudo, o cálculo adequado das doses e a escolha correta das fontes são fundamentais para garantir a eficácia e a segurança desses suplementos. ■

Referências

- Montoya M, Morrison JA, Arrignon F, Spofford N, Charles H, Hours M-A, Biourge V. Life expectancy tables for dogs and cats derived from clinical data. *Frontiers in Veterinary Science*. 2023 Feb 21;10:1082102. doi:10.3389/fvets.2023.1082102.
- Jones, SD, Koolmees, P. A. (2022). "Veterinary Medicine and Animal Health, 2000-2020". In *A Concise History of Veterinary Medicine* (pp. 329-368). Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108354929.009
- Bellows, J, Colitz CM, Daristotle L, Ingram DK, Lepine A, Marks SL, Sanderson SL, Tomlinson J, Zhang J. 2015. Common physical and functional changes associated with aging in dogs. *J. Am. Vet. Med. Assoc.* 246(1):67-75. doi: 10.2460/javma.246.1.67
- Case, LP, Daristotle L, Hayek MG, Raaasch MF. 2011. Geriatrics. In: *Canine and feline nutrition: a resource for companion animal professionals* (Third Edition). Masby: Elsevier. p. 261-275. doi: 10.1016/B978-0-323-06619-8.10025-8.
- Quimby, J, Gowland S, Carney HC, DePorter T, Plummer P, Westropp J. 2021. 2021 AAHA/AAFP Feline Life Stage Guidelines. *J. Feline Med. Surg.* 23(3):211-233. doi: 10.1177/1098612X21993657.
- Creedy, KE, Grady J, Little SE, Moore GE, Strickler BG, Thompson S, Webb JA. 2019. 2019 AAHA Canine Life Stage Guidelines. *J. Am. Anim. Hosp. Assoc.* 55(6):267-290. doi: 10.5326/JAAHA-MS-6999.
- Greer, KA, Hughes, L M, Masternak, MM. (2011). Connecting serum IGF-1, body size, and age in the domestic dog. *Age (Dordr.)*, 33(3), 475-483. doi:10.1007/s11357-010-9182-4.
- Schauf S, de Godoy MRC, Parada J, et al. Healthy ageing is associated with preserved or enhanced nutrient and mineral apparent digestibility in dogs and cats fed commercially relevant extruded diets. *Animals*. 2021;11(7):2127.
- Harper EJ. Changing perspectives on aging and energy requirements: aging and digestive function in humans, dogs and cats. *J Nutr.* 1998 Dec;128(12 Suppl):2632S-2635S. doi:10.1093/jn/128.12.2632S.
- Cianciolo RE, Benali S L, Aresu L. Aging in the canine kidney. *Vet Pathol.* 2016 Mar;53(2):299-308. doi:10.1177/0300985815612153.
- Brown CA, Elliott J, Schmiedt CW, Brown SA. Chronic kidney disease in aged cats: Clinical features, morphology, and proposed pathogenesis. *Vet Pathol.* 2016;53(2):309-326. doi:10.1177/0300985815622975.
- International Renal Interest Society (IRIS). IRIS Staging of CKD Available from: [https://www.iris-kidney.com/pdf/IRIS Staging of CKD 2023.pdf](https://www.iris-kidney.com/pdf/IRIS%20Staging%20of%20CKD%202023.pdf). Acesso em: 04 de novembro de 2025.
- Freeman LM. Cachexia and sarcopenia: Emerging syndromes of importance in dogs and cats. *J Vet Intern Med.* 2012;26(1):3-17. doi:10.1111/j.1939-1676.2011.00838.x.
- Vendramini THA., Zafalon RVA, Brunetto MA. Exploring the efficacy and optimal dosages of omega-3 supplementation for companion animals. *Nutr Res Rev.* 2025;38(1):1-20. doi:10.1017/S0954422425000026.
- Watson ADJ, Lascalles BDX, Freeman LM, Laflamme DP. Pathophysiology of geriatric di-

- seases in dogs and cats: a foundation for geriatric care. *Vet Clin North Am Small Anim Pract.* 2024;54(1):1-25. doi:10.1016/j.cvsm.2023.09.001.
- Bauer JE. Therapeutic use of fish oils in companion animals. *J Am Vet Med Assoc.* 2011;239(11):1441-1451. doi:10.2460/javma.239.11.1441.
- Rogers QR, Morris JG, Freedland RA, Lepine AJ, Suzuki H, Fascetti AJ. Effects of varying dietary vitamin E levels on indicators of oxidative stress in dogs and cats. *Vet Ther.* 2004;5(4):289-301.
- Perini MP, Pedrinelli V, Marchi PH, Henriquez LBF, Zafalon RVA, Vendramini THA, et al. Potential Effects of Prebiotics on Gastrointestinal and Immunological Modulation in the Feeding of Healthy Dogs: A Review. *Fermentation* 2023;9.
- Woodruff D. Cognitive Dysfunction and Related Sleep Disturbances. In: Gardner M., McVety D. (eds) *Treatment and Care of the Geriatric Veterinary Patient*. Hoboken: Wiley-Blackwell; 2017. p. 57-76. doi:10.1002/9781119187240.ch8.
- Neilson, JC, Hart, BL, Cliff, KD, Ruehl, WW. Prevalence of behavioral changes associated with age-related cognitive impairment in dogs. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 2025, 218(11):1787-1791. doi:10.2460/javma.2001.218.1787.
- Landsberg GM, Denenberg S, Araujo JA. Cognitive dysfunction in cats: a syndrome we used to dismiss as 'old age'. *J Feline Med Surg.* 2010 Nov;12(11):837-848. doi:10.1016/j.jfms.2010.09.004.
- Pan Y, Landsberg G, Mougout I, Kelly S, Xu H, Bhatnagar S. Efficacy of a therapeutic diet on dogs with signs of cognitive dysfunction syndrome (CDS): a prospective double-blinded placebo-controlled clinical study. *J Am Vet Med Assoc.* 2019;255(11):1245-1254. doi:10.2460/javma.255.11.1245.
- Mergenthaler P, Lindauer U, Diemel G, et al. Sugar for the brain: the role of glucose in physiological and pathological brain function. *Trends Neurosci* 2013;36:587-597.
- May KA, Laflamme DP. Nutrition and the aging brain of dogs and cats. *J Am Vet Med Assoc.* 2022;260(12):1391-1396. doi:10.2460/javma.22.06.0278

Erika Pereira, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF, especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP e mestranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com.

Monique Paludetti, médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br.

Thais Ximenes, médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e pós-graduanda em Endocrinologia veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br.



Julho dourado! Todos os meses do ano é necessário menos abandono

■ COAUTORA: **ANA PURCHIO**

Estamos em janeiro, início de um novo ano, e precisamos pensar e fazer melhor por nossos pets. No começo de dezembro do ano passado foi aprovado pela Comissão de Meio Ambiente o projeto que cria a **Campanha Julho Dourado**, visando promoção à saúde e proteção animal, o PL 2.729/2021. Agora o PL aguarda sanção do presidente da República!

De autoria do ex-deputado federal Aroldo Martins, a proposta contou com relatório favorável do senador Wellington Fagundes (PL-MT). Médico-veterinário, Fagundes acredita que a campanha nacional pode reduzir o abandono e o controle de zoonoses.

E por que é tão importante sancionar esse PL para promover a **Campanha “Julho Dourado”**? Porque essa ação vai incluir mutirões de vacinação, castração, incentivo à adoção responsável e combate ao abandono; entre outras ações de conscientização sobre o cuidado com animais domésticos e de rua.

Segundo o senador Fagundes, “76% dos municípios não possuem estruturas de proteção animal e o resgate, o abrigo e o cuidado são fei-

tos por voluntários e ONGs que dependem de doações para se manter”.

O senador acredita que, especialmente a leishmaniose, esporotricose e, também, a raiva, podem ser combatidas com essa campanha, já que essas doenças podem ser transmitidas para os seres humanos, de modo que seu controle na população animal é fundamental para evitar a disseminação com impacto relevante na saúde dos brasileiros.

E para terminar essa coluna com chave de ouro indico a **adoção responsável do Nino**, um cãozinho que foi abandonado na calçada de um bairro em São Paulo, amarrado em uma coleira no poste que o estava esganando.

O Nino foi resgatado por pessoas

conscientes que já cuidam de vários animais e está em um lar temporário! Agora em janeiro vai ter de voltar para a rua. Por isso, precisa de uma adoção consciente urgente! ■

**O NINO FOI
RESGATADO
POR PESSOAS
CONSCIENTES QUE
JÁ CUIDAM DE
VÁRIOS ANIMAIS E
ESTÁ EM UM LAR
TEMPORÁRIO!**

Se quiser adotá-lo,
fale com Natalia
de Freitas:
(11) 99401-3165.



José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa do Senac e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.



ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL E CORTISOL FECAL EM GATOS

» JULYENNE CHRISTYNNE ESCRIVANI FRASNELLI

O processo de domesticação dos gatos foi demorado e muito trabalhoso, como citado por Bradshaw (2018). Contudo, apenas recentemente a relação humano-gato tornou-se objeto de estudos.

Diferentemente do cão, o gato doméstico se mostra semelhante com duas espécies de felinos selvagens, o

Felis silvestres catus e o *Felis silvestres libyca*, pelas suas semelhanças anatómicas, bioquímicas e cariotípicas.

Devido a domesticação recente, esses animais se encontram em situações estressantes rotineiramente e o estresse, segundo Dhabhar e McEwen (1996), desencadeia um significativo e persistente aumento no número de leucócitos

em reações de hipersensibilidade tardia.

Em condições normais, o cortisol é secretado dentro de cinco minutos após elevação da concentração sérica do ACTH (WHITLEY et al, 1994), que se une aos receptores ligados à adenilato-ciclase, estimulando a formação do segundo mensageiro cAMP. Assim, o metabolismo celular das adrenais aumenta, o colesterol é captado a partir do plasma e a síntese e a liberação de cortisol são intensificadas (GREKIN, 1986).

A secreção diária de cortisol caracteriza-se pela atividade aumentada nas primeiras horas da manhã e inatividade nas últimas horas da noite, perfazendo um ritmo circadiano (GREKIN, 1986; DI RIO et al, 1994), que pode sofrer influência do sono, da alimentação, da escuridão, da luminosidade (YOUNG e BERMES, 1994) e do estresse (HUIZENGA et al, 1998).

A avaliação dos níveis circulantes de glicocorticóides, especialmente do cortisol em mamíferos, é útil no diagnóstico de distúrbios adrenocorticais e de estresse.

O cortisol pode ser mensurado diretamente no plasma ou no soro pelos métodos de colorimetria (LIDDLE, 1974), radioimunoensaio (RIA), fluorimetria e ligação competitiva com proteínas. Os corticosteróides sintéticos não afetam os resultados obtidos por esses métodos (DUNCAN e PRASSE, 1982).

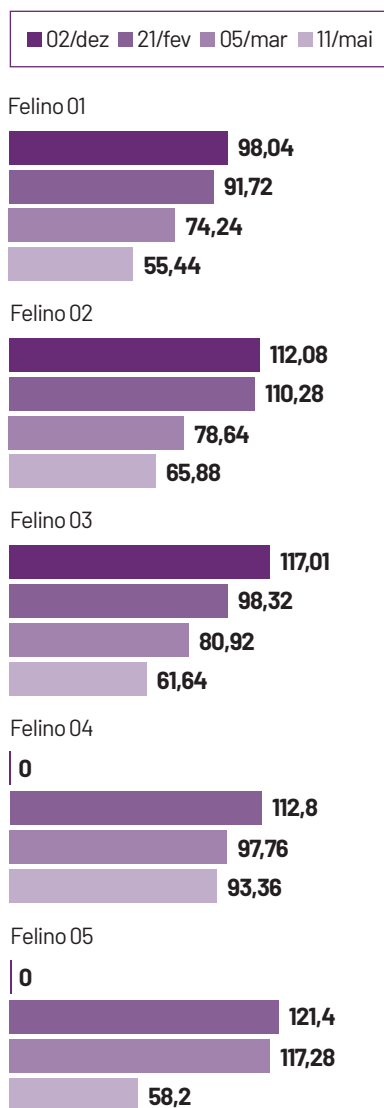
ESTUDO DOS NÍVEIS DE CORTISOL FECAL.

Para avaliar os níveis de cortisol em gatos foi realizado o presente estudo. Com a finalidade de evitar o estresse de coleta devido à contenção, optou-se por quantificar o cortisol presente nas fezes dos animais utilizando os métodos radioimunoensaio (RIE) e enzimaímunoensaio (EIE).

Para isso foi eleito um lar urbano comum sem aplicação das Técnicas MEMO e os cinco pilares (Ellis et al 2013) de modo que os gatos pudessem ser observados de perto e as coletas fecais frescas obtidas imediatamente após o ato de defecação. Importante relatar que no período do estudo nenhuma intervenção ocorreu para garantir confiabilidade das amostras.

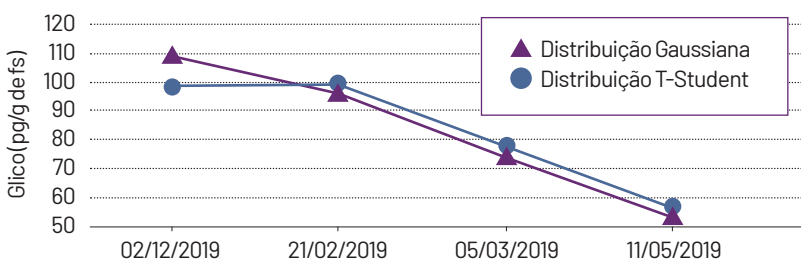
As coletas foram realizadas em quatro momentos pontuais após observada alteração comportamental dos felinos. O lar inicialmente habitado por dois felinos, ambos com um ano e castrados conviviam harmoniosamente em um ambiente monótono. Porém, foi ado-

NÍVEIS DE CORTISOL FECAL OBTIDOS PELO MÉTODO DE ENZIMAIMUNOENSAIO (EIE)



NÍVEIS MÉDIOS DE CORTISOL FECAL

Análise estatística nos modelos Gaussiana e T-Student mostrando o declínio dos níveis médios de cortisol fecal dos cinco felinos corrigindo possíveis margem de erros



tado um filhote de 60 dias e, por falta de conhecimento, sua apresentação foi repentina, gerando o primeiro desconforto pontual. Esse estresse foi considerado importante para coleta da primeira amostra dos felinos 1, 2 e 3. As amostras recolhidas foram armazenadas a -10,5°C (medidas pelo termômetro digital infravermelho da Raytek).

A segunda coleta de cinco amostras foi realizada no momento da chegada de outros filhotes, também com 60 dias, resgatados e isolados por 40 dias para realização de exames clínicos e adaptação territorial. Mesmo assim, os gatos que já viviam no ambiente demonstraram comportamentos agonísticos devido a alteração dos odores.

A liberação dos filhotes foi feita de forma gradativa cerca de dois meses depois, conforme os habitantes anteriores permitiam a presença deles no mesmo local, sem demonstrar comportamentos aversivos. Foi realizada a coleta da terceira amostra nesse momento.

Gradativamente o ambiente foi adequado aos cinco pilares, bem como número de recursos, incluindo local seguro, alimentação, água, arranhadores e banheiros, bem como uma rotina diária estruturada em horários crepusculares com brincadeiras individuais ativas por 30 minutos. Também foi associado music for cats nesses momentos e, para finalizar, oferecido alimento úmido de alta valência emocional como recompensa positiva.

Com a aplicação dos cinco pilares completa, aguardou-se cerca de um mês para coleta da quarta amostra. Após finalizadas as coletas, foi acionado o laboratório Pesquisas Hormonais que instruiu sobre o envio das amostras de forma adequada e realizou o RIE e EIE para extração de glicocorticóides. »

RESULTADOS. É de conhecimento literário que a introdução não estruturada pode desencadear estresse e desconforto nos felinos, isso foi observado nas duas primeiras amostras, que apresentaram nível de cortisol alto já esperado pela situação de adaptação a qual os gatos foram submetidos.

A terceira amostra foi coletada no início das adaptações aos cinco pilares e os resultados mostraram que, com a adequação completa aos cinco pilares, os felinos diminuíram drasticamente os níveis de cortisol fecal, confirmando que a aplicação das orientações e respeito nas interações por parte dos tutores melhora o bem-estar felino. Também foi possível notar que, em comparação da primeira e segunda introdução, os níveis de cortisol dos felinos 1 e 2 foram menores. O felino 1 diminuiu o cortisol de 98,04 para 91,72 pg/ml, enquanto o felino 2 de 112,08 para 110,08 pg/ml.

Já a terceira e quarta coleta foram realizadas após aplicação completa dos cinco pilares. Nelas todos os animais diminuíram seus níveis de cortisol, provando que quanto maior o cuidado com a espécie, melhor sua qualidade de vida.

CONCLUSÃO. O objetivo deste trabalho foi mostrar que mensurar o cortisol fecal após aplicar os cinco pilares é possível e pode ser uma tendência para avaliar o bem-estar em gatos domésticos.

Dessa forma, o estudo pode ser considerado uma nova tendência na forma de estudar o comportamento felino, lançando ideias para novas pesquisas. É imprescindível conhecer as necessidades dos gatos e oferecer todo aporte necessário nos lares domésticos para suprir as demandas cognitivas e comportamentais.

Com todas as características felinas respeitadas e aplicadas técnicas que diminuem o estresse, foi possível notar diminuição expressiva na mensuração de cortisol fecal, indicado em literatura como um hormônio atrelado ao bem-estar. ■

Referências bibliográficas

AIDAR, M. F. C. Enriquecimento ambiental na reintrodução de felinos na natureza (*mammalia: carnívora: felidae*). 95 f. Trabalho de conclusão de curso (dissertação) – Bacharel em Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.
BRADSHAW, John. Normal feline behaviour... and why problem behaviours develop. *Journal of Medicine and Surgery*. UK, v. 20, p. 411-421, 2018.

CASTRO, L. S. Influências do Enriquecimento Ambiental no Comportamento e Nível de DHABHAR, F. S.; McEWEN, B. S. Stress-induced enhancement of antigen-specific cell-mediated immunity. *Journal of Immunology*, Baltimore, v. 156, n. 7, p. 2608-2615, Apr. 1, 1996.
DI RÍO, R.; BARBÉRIO, J. C.; PRADAL, M. G.; MENEZES, A. M. S. Procedimentos hormonais. 3. ed. São Paulo: CPD CRIESP, p. 82-91, 1994.
DIVERS, D. L. M. S. et al. Agonistic Behavior and environmental enrichment of cats communally housed in a shelter. *Javma*, v. 239, n. 6, September 15, 2011.
DUNCAN, J. R.; PRASSE, K. W. Patologia clínica veterinária. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, p. 124-126, 1982.
ELLIS, S. Practical strategies for improving feline welfare. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, Lincoln, ELSEVIER, v. 11, 2009.
ELLIS, Sarah L H et al. AAFP and ISFM Feline Environmental Needs Guidelines. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 15, p. 219-230, February 19, 2013.
FUJIHARA, C. J. Validação de método não-invasivo para análise de hormônios ligados ao estresse em Papagaio Verdadeiro (*Amazona aestiva*). Dissertação para obtenção de título de Mestre, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, Botucatu, 113 p., 2008.
GANONG, W. F. Review of medical physiology. East Norwalk: Appleton & Lange, p. 327-351, 1995.
GOURKOW, N.; PHILLIPS, C. J. C. Effect of cognitive enrichment on behavior, mucosal immunity and upper respiratory disease of shelter cats rated as frustrated on arrival. *Preventive Veterinary Medicine*. Australia, ELSEVIER, v. 131, July, 2016.
GRAHAN, L. H.; BROWN, J. L. Cortisol metabolism in the domestic cat and implications for non-invasive monitoring of adrenocortical function in endangered felids. *Zoo Biology*, v. 15, p. 71-82, 1996.
GREKIN, R. A supra-renal. In: MAZZAFERRI, E.L. Endocrinologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 3. ed. p. 198-204, 1986.
HASHIMOTO, C. Y. Comportamento em Cativeiro e Teste de Eficácia de Técnicas de Enriquecimento Ambiental (Físico e Alimentar) para Jaguatiricas (*Leopardus pardalis*). Tese (mestrado) – Instituto de Psicologia da USP de São Paulo, 2008.
HERNÁNDEZ-JÁUREGUIL, D. M. B.; MALDONADO, F. G.; PÉREZ, A. V.; PARDO, M. R.; ALUJA, A. S. Cortisol in saliva, urine and feces: non-invasive assessment of wild mammals. *Veterinaria México*, v. 36, n. 3 p. 327-332, 2005.
HOTZEL, M.J.; MACHADO FILHO, L.C.P. Estresse, fatores estressores e bem-estar na criação animal. *Anais do XVIII Encontro Anual de Etologia*, v. 18, p. 25, 2000.
HUIZENGA, N. A. T. M.; KOPER, J. W.; DE LANGE, P.; POLS, H. P.; STOLK, R. GROBBEE, D. E.; DE JONG, F. H.; LAMBERTS, S. W. J. Interperson variability but intraperson stability of baseline plasma Cortisol concentrations, and its relation to feedback sensitivity of the hypothalamus-pituitary-adrenal axis to a low dose 62 of dexamethasone in elderly individuals. *Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*, Bethesda, v. 83, n. 1, p. 47-54, 1998.
KLEIN, B. G. Cunningham Tratado de Fisiologia Veterinária. 5ª Edição, p. 923-983, 2014.
LAURINO, F. Alterações Hematológicas Em Cães E Gatos Sob Estresse. 21 f. Trabalho de conclusão de curso (dissertação) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade “Júlio Mesquita Filho”, 2009.
LIDDLE, G. W. The adrenal cortex. In: WILLIAMS, R. H. *Textbook of endocrinology*. 5. ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company, p. 233-249, 1974.
MACHADO, J. C.; GENARO, G. Comportamento exploratório em gatos domésticos. *Archives of Veterinary Science*, Paraná, ISSN, v. 15, n. 2, 2010.
MAZZOTTI, G. A.; BOERE, V. The right ear but not the left ear temperature is related to stress-induced cortisolaemia in the domestic cat (*Felis catus*). *Psychology Press, Laterality*, 2009.
PALME, R.; RETTENBACHER, S.; TOUMA, C.; ELBAHR, S.M MÖSTL, E. Stress Hormones in Mammals and Birds – Comparative Aspects Regarding Metabolism, Excretion and Noninvasive Measurement in Fecal Samples. *New York Academy of Sciences*, v. 1040, p. 162-171, 2005.
PAZ, R. C. R.; OLIVEIRA, C. A.; NICHII, M.; ADANIA, C. H.; DIAS, E. A.; BARNABE V. H.; BARNABE, R. C. Comparação de método para análise de metabólitos fecais de glicocorticóides em jaguatiricas (*Leopardus pardalis*) submetidas a tratamento hormonal e vídeo-laparoscopia. *São Paulo*, v. 44, n. 6, p. 444-453, 2007.
RODAN, I. Understanding Feline Behavior and Application for Appropriate Handling and Management. *Topical Review*. USA, ELSEVIER, v. 25, n. 4, 2010.
SALMAN, D.; HUTCHISON, J.; RUCH-GALLIE, R.; KOGAN, L.; NEW JR.; J. C.; H. K. Behavioral Reasons for Relinquishment of Dogs and Cats to 12 Shelters. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, n. 3, v. 2, p. 93-106, 2000.
SCHATZ, S.; PALME, R. Measurement of faecal cortisol metabolites in cats and dogs: a non-invasive method for evaluating adrenocortical function. *Veterinary Research Communications*, v. 25, p. 271-287, 2001.
SCHERIFF, M. J.; DANTZER, B.; DELEHANTY, B.; PALME, R.; BOONSTRA, R. Measuring stress in wildlife: techniques for quantifying glucocorticoids. *Oecologia*, v. 166, p. 869-887, 2011.
SILVA, R. et al. Leucograma de Estresse. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Garça, FAEF, ano VI, n. 11, 2008.
SILVA, B. P. L.; LABARTHE, N.; ALMEIDA, F. M. Cortisol Salivar em Gatos Domésticos (*Felis catus Linnaeus*, 1758): Modelo de Avaliação. 3f. Mestrado (Dissertação) – 33º Congresso Brasileiro da Anclivepa, 2012.
YOUNG, D. S.; BERMES, E. W. Specimen collection and processing; sources of biological variation. In: BURTIS, C.A.; ASHWOOD, E.R. *Tietz textbook of clinical chemistry*. 2. ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company, p. 58-83, 1994.
YOUNG, K. M.; WALKER, S. L.; LANTHIER, C.; WADDELL, W. T.; MONFORT, S. L.; BROWN, J. L. Non-invasive monitoring of adrenocortical activity in carnivores by fecal glucocorticoid analysis. *General and Comparative Endocrinology*, v. 137, p. 148-165, 2004.
WHITLEY, R. J.; MEIKLE, W. A.; WATTS, N. B. Biogenic amines; Adrenocortical steroids In: BURTIS, C. A.; ASHWOOD, E. R. *Tietz textbook of clinical chemistry*. 2. ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company, p. 1739-1744, 1796-1839, 1994.

Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli, médica veterinária, pós-graduada em Medicina Felina pelo Qualittas, veterinária Cat Friendly pela AAFP, profissional certificada Fear Free, certificada em comportamento felino avançado pela ISFM, mestre pela UFSCar e docente de pós-graduação em Medicina Felina.
E-mail: julyennece@gmail.com



■ TCLE: O DOCUMENTO QUE MUDA A PRÁTICA VETERINÁRIA CONTEMPORÂNEA (PARTE 3)

Obrigatoriedade, requisitos necessários, exceções e entendimento judicial

Depois de compreender a base ética e jurídica do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entenda como aplicá-lo de forma prática e segura na clínica. Segundo a Resolução CFMV – Conselho Federal de Medicina Veterinária nº 1.321/2020, o TCLE deve em apertada síntese:

- identificar corretamente responsável, animal e médico-veterinário;
- descrever, de maneira específica, o procedimento proposto;
- apresentar riscos, benefícios, alternativas e consequências da recusa;
- ser redigido em linguagem clara;
- registrar que o consentimento é livre e revogável;
- ser datado, assinado e arquivado no prontuário, com via para o responsável pelo animal.

Além disso, esta resolução descreve diferentes tipos de TCLE. Por exemplo: exames, procedimento terapêutico de risco, retirada de corpo de animal em óbito, cirurgias, anestesia, internação, eutanásia, retirada do animal sem alta médica, pesquisa clínica, entre outros. A lógica é: para cada ato relevante, um termo específico, e não um modelo genérico.

Excepcionalmente, nos casos de iminente risco de morte ou de risco de incapacidade permanente, o consentimento formal (escrito) pode ser dispensado, diante da impossibilidade de obtenção tempestiva da assinatura do responsável, cabendo ao médico-veterinário agir para preservar a vida e o bem-estar do paciente.

Ainda assim, é indispensável registrar no prontuário o quadro, a urgência, as razões da dispensa do TCLE e as tentativas de contato com o responsável, comprovando a diligência profissional perante o Conselho ou o Judiciário.

Enfim, o TCLE específico evidencia o dever de informar, compartilha responsabilidades com transparência e reduz riscos éticos e jurídicos.

Caso real: TCLE genérico e a condenação da clínica veterinária (ré)

Em um julgamento envolvendo tartarectomia em felina com alteração cardíaca identificada em exame pré-operatório, havia TCLE assinado pela responsável pelo animal, mas o Tribunal o considerou genérico, incapaz de demonstrar que a tutora fora alertada sobre o risco aumentado.

Houve condenação da clínica porque o TCLE genérico não afasta responsabilidade.

[...] o termo de consentimento informado firmado pela tutora do animal é genérico e não afasta a responsabilidade da clínica, que detinha o dever técnico de avaliar a real viabilidade do procedimento e de orientar adequadamente sobre os riscos, podendo inclusive contraindicá-lo (negrito nosso).

TJSP - Apelação Cível: TJ-SP - Apelação Cível: 1021067-16.2024.8.26.0405. Foro de Osasco, Relatora: Fátima Cristina Ruppert, Data de Julgamento: 27/06/2025, 4ª Câmara de Direito Privado, Data de Publicação: 27/06/2025. ■

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Abordaremos a Responsabilidade Civil na Medicina Veterinária e as diferenças entre a responsabilidade do médico-veterinário e da empresa que presta serviços de Medicina Veterinária.

Ana Falcão Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada dos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa de Assessoria Jurídica para Médicos Veterinários, suas clínicas e hospitais – VET FAZ DIREITO, com suporte jurídico para demandas éticas e judiciais (defesa do médico veterinário)

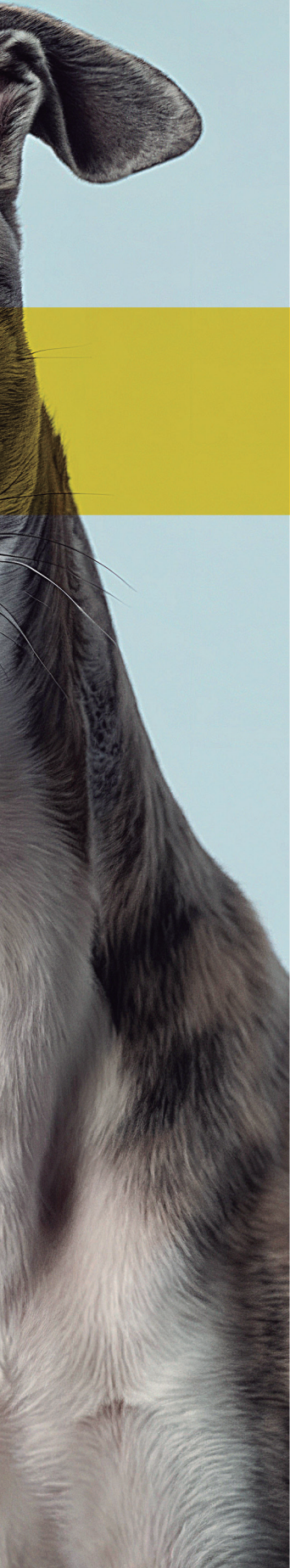
MUITO ALÉM

DO

ANSIEDADE E ESTRESSE ESTÃO SE TORNANDO TERMOS COMUNS AO ABORDAR A SAÚDE MENTAL DOS CÃES, MAS A FALTA DE INVESTIGAÇÃO APROFUNDADA **PODE LEVAR A ERROS DE DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO**

RÓTULO





> DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Por muitos anos, ao falar de saúde animal a correlação era apenas com aspectos fisiológicos. No entanto, de uns tempos para cá a saúde mental entrou em pauta na Medicina Veterinária e os cães estão entre os animais mais acometidos por problemas como estresse e ansiedade.

Além de fatores intrínsecos dos pets, estudos apontam que os cães podem refletir o nível de estresse dos seus responsáveis, indicando que o problema é maior do que muitos pensam.

Mas, ao abordar esse tema é preciso entender, realmente, o que é o estresse. De acordo com a médica-veterinária mestre em Comportamento Animal, Ana Luisa Lopes, atualmente, o estresse não é considerado um diagnóstico comportamental. “Na verdade, essa é apenas uma nomenclatura usada para definir qualquer alteração na homeostase do organismo animal. Logo, um simples levantar da cama, latir ou uma mudança de comportamento pode gerar o que chamamos de estresse”, pontua.

Outro ponto importante é que existem dois tipos de estresse: o eu-estresse e o de-estresse. A profissional explica que eu-estresse é considerado positivo e visto, por exemplo, quando o animal fica empolgado ou quando está brincando, estando presente na maior parte do tempo. Por outro lado, frente a experiências negativas há uma maior incidência do de-estresse. “É muito complicado fazermos uma avaliação completa e conseguirmos definir qual é o tipo de estresse que está atuante no animal. É claro que, através da linguagem corporal e da resposta comportamental, somos capazes de seguir um direcionamento, mas por esses moti-

vos não utilizamos o estresse sozinho como forma de diagnóstico”, esclarece.

Logo, as manifestações do estresse negativo nos cães são variadas. Quando ocorre o de-estresse o animal pode ficar ofegante, ter a pupila dilatada, apresentar salivação espessa e em maior quantidade e até demonstrar aumento da frequência cardíaca e da temperatura corporal.

ANSIEDADE TAMBÉM É SUBJETIVA.

Ana relata que a ansiedade é uma resposta que o animal apresenta perante eventos que são considerados ruins, e é importante diferenciar essa condição da vista nos seres humanos. Segundo ela, a partir da sua capacidade de entendimento, os seres humanos conseguem antecipar situações negativas que podem acontecer no futuro, como contas a vencer.

O ESTRESSE, POR SI SÓ, NÃO É CONSIDERADO UM DIAGNÓSTICO COMPORTAMENTAL

Quando falamos dos animais não há essa capacidade cognitiva e a ansiedade ocorre quando o cão ou gato nota, através de dicas do ambiente, que algo negativo pode acontecer. “Vamos supor que todas as vezes que o animal é transportado de carro vai para o veterinário. Ao entender isso ele começa a ter respostas negativas sempre que é colocado dentro de um veículo”, exemplifica.

A ansiedade de separação também é uma realidade, mas, muitas vezes, é mal interpretada e diagnosticada. Lopes relata que ao atender um »

paciente encaminhado por esse problema tenta destrinchar ao máximo a situação para entender o que, realmente, está acontecendo, pois nem sempre as alterações de comportamento são meramente comportamentais.

“Por exemplo, às vezes o animal sente dor e teve algum tipo de crise quando o responsável não estava em casa. Após isso, passa a associar a ausência desse responsável com a possibilidade da dor e acaba não gostando quando a pessoa sai de casa. Nesse cenário, se eu simplesmente escuto esse rótulo vou fazer o tratamento completamente comportamental e a dor pode não ser tratada”, afirma.

Atualmente, a veterinária cita que em sua prática clínica existem, sim, casos relacionados à separação, mas é preciso entender o cenário como um todo. Também aponta que o termo mais adequado é apenas separação, pois nem sempre há ansiedade associada ao quadro.

CORRELAÇÃO DOENÇA E ESTRESSE.

Muitas vezes, o estresse não é um problema meramente comportamental e está sendo desencadeado por alguma doença concomitante. De acordo com a profissional, a dor é um dos principais motivos de mudanças comportamentais nos cães. Como exemplos estão dor musculoesquelética, desconforto gastrointestinal e prurido em excesso.

“Ou seja, nós temos a doença, às vezes, trazendo mudanças de comportamento nesses animais ou mantendo alguns comportamentos presentes de forma central. Então, esse cão já tinha uma alteração de comportamento, mas a enfermidade acaba piorando o quadro”, informa.

Devido a isso, a veterinária pontua que é, realmente, difícil entender o que está por trás de certos comportamentos, chamados corriqueiramente de ansiedade, estresse, reatividade e agressividade. Segundo ela, esses são apenas rótulos que escondem diversos sinais de que algo não está correto.

“Quando nós acabamos rotulando esse animal podemos deixar passar diversas informações importantes, que nos direcionam para tratamentos equivocados”, aconselha.

AMBIENTE QUE ESTRESSA. Um dos aspectos considerados estressantes para cães são os espaços com muitos ani-



De acordo com **Ana Luisa Lopes**, médica-veterinária mestre em Comportamento Animal, para modificar o comportamento dos cães podem ser utilizadas técnicas, como dessensibilização sistemática ou contra-condicionamento

mais. Contudo, neles é possível visualizar o eu-estresse e o de-estresse, sendo importante diferenciá-los para uma análise comportamental mais eficaz.

Durante brincadeiras e momentos de lazer, o que predomina é o eu-estresse. Porém, quando há no grupo integrantes mais invasivos e que não respeitam o limite do outro pode ser visto o de-estresse. “Ter animais de outras espécies nesse ambiente também pode desencadear um estresse negativo, ou seja, o de-estresse mais elevado”, pontua.

ESTRATÉGIAS DE MANEJO. Para minimizar os quadros de estresse negativo e ansiedade nos cães existem diversas estratégias. Ana afirma que o primeiro passo é começar com o ambiente e avaliar quais são as possibilidades de enriquecimento ambiental para deixar o animal mais confortável para realizar seus comportamentos naturais.

“Em seguida, passamos para a mudança de comportamento do cão, a partir de técnicas como dessensibilização sistemática ou contra-condicionamento”, explica. A profissional esclarece que a dessensibilização sistemática consiste em, gradativamente, transformar es-

tímulos considerados negativos pelo animal em positivos. Ela deve ser realizada de forma controlada e lenta.

Por outro lado, o contra-condicionamento é uma forma de alterar a resposta comportamental que já foi condicionada anteriormente por aquele animal.

“Por exemplo, se ao estar à frente de um estímulo um cão late, vamos ensiná-lo outro comportamento para esse momento, que pode ser sentar ou deitar. Logo, nessa etapa passamos a oferecer ao animal diferentes formas de lidar com as situações”, cita.

ESTRATÉGIA MEDICAMENTOSA. Já se a alteração comportamental for associada a dor, o manejo é diferente. Nesses casos, Lopes comenta que pode ser indicada a terapia medicamentosa através de psicofármacos, que ajudam no tratamento da sensação dolorosa e promovem mais conforto emocional ao paciente.

Existem, ainda, alguns fármacos que podem auxiliar no controle de estresse negativo e ansiedade. “A escolha da medicação depende do histórico do animal, se ele possui alguma sensibilidade gastrointestinal e até qual neurotransmissor estou tentando elevar ou diminuir no cão. Entretanto, atualmente, temos uma predileção pelo uso de inibidores de recaptção de serotonina, que acabam sendo a melhor opção”, relata.

Além disso, também existem os feromônios artificiais, que geralmente são indicados em conjunto com outras terapias, pois sozinhos não irão trazer a resposta esperada, como em casos de comportamento agressivo.

“Hoje, dentro da Medicina Veterinária estamos recebendo cada vez mais opções de terapias com medicamentos naturais. Contudo, perante essas alternativas precisamos sempre nos embasar em evidência científica. Quando pensamos em terapias com feromônios, infelizmente, não são todas as marcas presentes no mercado que possuem evidência científica com relação ao uso daquele componente”, ressalta.

Nesse caso, o conselho da profissional é tomar muito cuidado com as promessas presentes na bula dos medicamentos.

“Os feromônios artificiais são, sim, uma boa opção, mas não em casos muito graves e quando não há comprovação científica”, conclui. ■

CONECTE-SE AO ECOSISTEMA DA SAÚDE ANIMAL

**Amplie conexões e explore novos negócios
no mercado da Medicina Veterinária.**

A Animal Health Science é um dos maiores ecossistemas de negócios, ciência e educação da medicina veterinária, que conecta indústrias de saúde animal a decisores de clínicas, hospitais e centros de diagnóstico veterinários.

+250 Marcas Expositoras

- Visibilidade
- Relacionamento
- Negócios

SEJA UM EXPOSITOR!



animalhealthexpoforum.com.br
@animalhealthexpoforum



ANIMAL FEIRA DE NEGÓCIOS
CONGRESSO CIENTÍFICO
FORUM DE GESTÃO
HUB DE NETWORKING

HEALTH SCIENCE CONGRESS+EXPO

10 - 12 Março de 2026 em São Paulo, SP Brasil

EXPO CENTER NORTE
Centro de exposições e convenções

MÍDIAS PARCEIRAS:



MIASTENIA GRAVIS: DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO E NO MANEJO CLÍNICO

DOENÇA NEUROMUSCULAR DE ORIGEM AUTOIMUNE EXIGE INVESTIGAÇÃO CRITERIOSA, ABORDAGEM ESPECIALIZADA E MONITORAMENTO CONTÍNUO PARA GARANTIR MELHOR PROGNÓSTICO AOS PACIENTES

» **MELISSA MARQUES**

melissa@dc7comunica.com.br

A miastenia gravis é uma enfermidade neuromuscular caracterizada pela falha na transmissão do impulso nervoso para o músculo esquelético, decorrente de alterações funcionais na junção neuromuscular.

Em pequenos animais, a apresentação mais comum é a forma adquirida, de origem autoimune, na qual anticorpos são produzidos contra os receptores de acetilcolina localizados na membrana pós-sináptica da placa motora.

Essa resposta imunomediada compromete a ligação da acetilcolina aos seus receptores, reduzindo a eficiência da transmissão neuromuscular e da contração muscular.

O quadro clínico resulta em fraqueza progressiva, geralmente de caráter flutuante, que tende a se intensificar após estímulos repetidos ou esforço físico e a apresentar melhora parcial após períodos de repouso.

“Trata-se de uma doença que pode ser subdiagnosticada, especialmente nos estágios iniciais, quando os sinais são intermitentes e pouco específicos. Muitos animais têm melhora clínica transitória após o repouso, o que pode atrasar a investigação neurológica e levar a interpretações equivocadas do quadro”, explica Gabriel Bastos, pós-graduado em Neurologia Veterinária pelo Instituto Bioethicus.

As manifestações clínicas variam conforme a forma de apresentação da doença. A miastenia gravis generalizada é a mais frequentemente observada e cursa com fraqueza dos membros, intolerância ao exercício, tremores musculares, alterações posturais e, em quadros mais avançados, colapso após esforço mínimo.

Já a forma focal está comumente associada ao comprometimento da musculatura esofágica, levando a regurgitação crônica, emagrecimento progressivo, desidratação e risco elevado de aspiração. “Diferenciar regurgitação de vômito é fundamental para direcionar corretamente o raciocínio clínico e evitar atrasos diagnósticos”, destaca Bastos.

Segundo o especialista, sinais respiratórios como tosse, taquipneia, dispneia e intolerância ao esforço devem ser encarados como alertas para possíveis complicações graves, especialmente pneumonia por aspiração.

DIAGNÓSTICO É MULTIMODAL.

O diagnóstico da miastenia gravis baseia-se na associação entre achados clínicos sugestivos, histórico detalhado e exames complementares específicos.

O teste sorológico para detecção de anticorpos anti-receptores de acetilcolina (AChR) é

considerado o principal método confirmatório da forma adquirida, apresentando elevada especificidade e sendo amplamente utilizado na rotina neurológica.

Exames de imagem, especialmente radiografias torácicas, são indispensáveis para identificar a presença de megaesôfago e alterações pulmonares compatíveis com pneumonia por aspiração. Em alguns casos, exames seriados são recomendados para monitorar a evolução do quadro e a resposta ao tratamento.

Conforme o profissional, a miastenia gravis pode ser confundida com outras afecções neurológicas, ortopédicas, musculares ou metabólicas.

TRATAMENTO E CONTROLE. O tratamento envolve, principalmente, o uso de anticolinesterásicos, como a piridostigmina, que aumentam a disponibilidade de acetilcolina na junção neuromuscular e melhoram a eficiência da transmissão do impulso nervoso.

Em casos específicos, especialmente nos quadros mais graves, refratários ou associados a resposta imune exacerbada, a terapia imunossupressora pode ser indicada, sempre com avaliação individualizada e monitoramento rigoroso.

A resposta ao tratamento costuma ser satisfatória, mas varia de acordo com a gravidade do quadro, o tempo de evolução da doença e a presença de complicações associadas. “Alguns animais apresentam melhora clínica significativa nas primeiras semanas, enquanto outros exigem acompanhamento prolongado, ajustes frequentes de dose e reavaliações periódicas”, explica o médico-veterinário.

COMPLICAÇÕES PODEM ACONTECER.

O megaesôfago é a principal complicação associada à miastenia gravis e representa um fator determinante no prognóstico. A dilatação esofágica favorece episódios recorrentes de aspiração, aumentando o risco de pneumonia, considerada a princi-

pal causa de óbito nesses pacientes.

“O manejo do megaesôfago é tão importante quanto o controle da doença neuromuscular em si. Sem os cuidados adequados, mesmo animais que respondem bem à medicação podem evoluir negativamente”, alerta.

PROGNÓSTICO E ROTINA. O prognóstico da afecção é variável e depende do diagnóstico precoce, da resposta terapêutica e do controle das complicações. Muitos pacientes conseguem manter boa qualidade de vida com acompanhamento neurológico regular, desde que o manejo seja adequado e contínuo.

A rotina domiciliar inclui alimentação em posição elevada, escolha criteriosa da consistência alimentar, monitoramento respiratório constante e atenção a alterações clínicas sutis.

“O envolvimento do tutor e a comunicação constante com o médico-veterinário são fundamentais para o sucesso do tratamento”, reforça o neurologista.

A inclusão da miastenia gravis nos diagnósticos diferenciais de fraqueza e regurgitação persistente é essencial para evitar atrasos terapêuticos. O reconhecimento precoce permite reduzir complicações, orientar corretamente o manejo e melhorar significativamente o prognóstico. “Quando diagnosticada a tempo e manejada de forma adequada, a miastenia gravis deixa de ser uma sentença grave e passa a ser uma condição controlável”, finaliza Bastos. ■

Gabriel Marques Bastos de Faria, médico-veterinário graduado pela Universidade UNG e pós-graduado em Neurologia Veterinária pelo Instituto Bioethicus



SARNA EM LOBO-GUARÁ: UMA AMEAÇA EMERGENTE

▷ HEITOR ALVES DE OLIVEIRA

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo da América do Sul e uma das espécies mais emblemáticas dos biomas brasileiros. Sua distribuição abrange grande parte do território nacional, estendendo-se também pela Bolívia, Paraguai e Argentina, com ocorrências mais restritas no Uruguai e no Peru.

De pelagem alaranjada, longas pernas e hábitos solitários, exerce papel ecológico fundamental como predador de pequenos vertebrados e dispersor de sementes, contribuindo diretamente para o equilíbrio dos ecossistemas onde ocorre.

Apesar de sua relevância ecológica e cultural, o lobo-guará é classificado como “Vulnerável” (VU) à extinção no Brasil, segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

Entre as principais ameaças à espécie, destacam-se a redução e fragmentação do seu habitat e os conflitos com cães. A conversão de áreas naturais em campos agrícolas e pastagens tem ampliado o contato entre animais silvestres e espécies domésticas, favorecendo conflitos e a transmissão de patógenos – uma preocupação crescente, já que os cães atuam como importantes reservatórios de doenças para a fauna nativa.

Nos últimos anos, uma dessas enfermidades, a sarna sarcóptica, tem se destacado como uma ameaça emergente à conservação do lobo-guará. Causada pelo ácaro *Sarcoptes scabiei*, essa doença de pele possui distribuição cosmopolita e afeta uma ampla diversidade de hospedeiros.

No Brasil, há registros em várias espécies silvestres, tanto na natureza quanto sob cuidados humanos. O número crescente de casos em lobos-guará, especialmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais,

sugere que a doença vem ganhando importância epidemiológica para a espécie.

A transmissão da sarna sarcóptica pode ocorrer tanto de forma direta, pelo contato físico entre indivíduos, quanto de forma indireta, por meio de fômites e ambientes contaminados, onde o ácaro pode permanecer viável por dias.

Registros obtidos por armadilhas fotográficas mostram a sobreposição de áreas utilizadas por cães, lobos-guará e outras espécies silvestres, sugerindo que paisagens antropizadas podem funcionar como potenciais zonas de disseminação.

Além disso, as mudanças climáticas e a degradação ambiental modificam o habitat natural da espécie, promovendo o deslocamento de indivíduos e aumentando o contato entre fauna silvestre e doméstica, o que eleva o risco de transmissão de patógenos. Apesar dessas evidências, a origem da sarna em lobos-guará permanece incerta, sendo plausíveis tanto a transmissão a partir de cães quanto o contágio por outras espécies selvagens, incluindo as invasoras.

Compreender como ocorre a infecção é essencial para avaliar seus impactos clínicos e populacionais. O *Sarcoptes scabiei* completa todo o seu ciclo de vida no hospedeiro. As fêmeas escavam túneis no estrato córneo da pele para depositar ovos, que eclodem em poucos dias. A presença do ácaro e de suas secreções provoca reações alérgicas que resultam em coceira intensa, inflamação e espessamento cutâneo.

Clinicamente, observam-se alopecia, descamação, crostas, hiperqueratose e liquenificação, inicialmente nos membros, com progressão para o focinho, região periocular e orelhas.

Nos casos crônicos, o quadro torna-se debilitante, levando à perda de condição corporal e à maior suscetibilidade a outras doenças. Duas formas clínicas principais são descritas em animais silvestres: a hiperqueratótica e a alopécica, associadas à hipersensibilidade do tipo I e IV, respectivamente. Embora raramente cause morte direta, a sarna compromete seriamente o bem estar e a sobrevivência dos lobos-guará afetados.

Os métodos diagnósticos para *S. scabiei* incluem raspagem de pele, histopa-



Lobo-guará acometido por sarna em Mococa/SP

tologia, sorologia e testes moleculares, cuja eficácia depende do estágio da infestação e da fase do ciclo do parasita.

Não existem tratamentos clínicos preconizados para o lobo-guará, porém há relatos da adaptação de protocolos utilizados em cães, nos quais os indivíduos apresentaram melhora clínica. No entanto, os tratamentos atuais se restringem a casos individuais, enquanto o manejo populacional e epidemiológico ainda enfrenta desafios logísticos, apesar de sua importância para o controle da doença.

Uma vez que a epidemiologia da sarna sarcóptica em espécies silvestres ainda não se encontra

bem elucidada - podendo estar associada a fatores de paisagem, condições bioclimáticas e ao contato com espécies domésticas - a adoção de medidas preventivas para esta doença são dificultadas,

sendo necessários novos estudos que descrevam as principais formas de transmissão do ácaro aos lobos.

Enquanto não se esclarecem todos os aspectos epidemiológicos da doença, o monitoramento contínuo das populações e a integração entre órgãos de saúde animal, instituições de pesquisa e órgãos ambientais são ações prioritárias, visando detectar precocemente novos casos e implementar medidas de manejo adequadas, reduzindo a propagação da doença e seus efeitos sobre a conservação da biodiversidade.

Diante desse cenário, a sarna sarcóptica deve ser reconhecida como uma ameaça prioritária à conservação do lobo-guará.

A adoção de protocolos diagnósticos padronizados e ações coordenadas de vigilância epidemiológica são fundamentais para compreender a dinâmica da doença e mitigar sua disseminação.

Considerando que surtos de sarna podem causar declínios populacionais expressivos - e até mesmo extinções locais em espécies já vulneráveis por fatores como perda de habitat e fragmentação - o controle dessa enfermidade é essencial para a manutenção das populações de lobos-guará e a preservação dos ecossistemas dos quais são parte indispensável. ■

Referências:

- DÍAZ LUQUE, José A. et al. Clinical signs suggestive of mange infestation in a free-ranging maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*) in the Moxos Savannas of Beni, Bolivia. *Mastozoologia neotropical*, v. 21, n. 1, p. 135-138, 2014.
- ESCOBAR, Luis E. et al. Sarcoptic mange: An emerging zoonotic in wildlife. *Transboundary and Emerging Diseases*, v. 69, n. 3, p. 927-942, 2022.
- FIORI, Flávia et al. The sarcoptic mange in maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*): Mapping an emerging disease in the largest South American Canid. *Pathogens*, v. 12, n. 6, p. 830, 2023.
- FIORI, Flávia. A epidemiologia da sarna sarcóptica e os efeitos à conservação do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*). 2025. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- FIORI, Flávia et al. Clinical evaluation of sarcoptic mange (*Sarcoptes scabiei*) in maned wolves (*Chrysocyon brachyurus*). *Veterinary Research Communications*, v. 49, n. 4, p. 202, 2025.

Heitor Alves de Oliveira,
Presidente do GEAS USP.

Revisão: Prof. Dr. Ricardo Augusto Dias

QUANDO A ALIMENTAÇÃO NÃO É SUFICIENTE

SUPLEMENTAÇÃO É ALTERNATIVA PARA SUPRIR AS NECESSIDADES NUTRICIONAIS DE PETS NÃO CONVENCIONAIS

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Os benefícios dos suplementos são muito conhecidos na clínica médica de pequenos animais, mas ainda há um certo desconhecimento geral quando se fala desses produtos na rotina de cuidados com pets não convencionais.

Contudo, a médica-veterinária, mestre em animais selvagens pela Unesp Botucatu, Raquel Naomi Tanaka Scaduto, comenta que também é bastante comum utilizar suplementos no atendimento de aves, répteis e mamíferos, visando suprir as necessidades nutricionais específicas de cada espécie.

“Sempre devemos nos atentar a como esse animal viveria na natureza e aproximar seu ambiente e alimentação ao máximo do que ele teria em vida livre. Porém, muitas vezes, essas necessidades são difíceis de suprir apenas com dietas comerciais ou preparadas em casa. Nesse cenário entram os suplementos”, explica.

A suplementação para pets não convencionais é altamente específica, pois visa atender requisições metabólicas únicas. Por isso, existem diferentes apresentações e composições, que levam em consideração a exigência de cada espécie.

INDICAÇÕES SÃO VARIADAS. Mais do que suprir as necessidades nutricionais básicas, a suplementação também ajuda a corrigir deficiências comuns nas espécies. “Em diversas situações o uso de suplementos pode ser indicado, mas ocorre com maior frequência quando a dieta fornecida não é nutricionalmente completa e balanceada. Isso é muito comum pois, na maioria das vezes, as necessidades dos animais são difíceis de suprir apenas com dietas comerciais ou preparadas em casa”, relata.

Conforme a profissional, aves que se alimentam, principalmente, de sementes tendem a ingerir muita gordura e poucos nutrientes, necessitando de um aporte de vitaminas e minerais.

Já os répteis, que na natureza estariam comendo presas, ingerindo carcaças com ossos e absorvendo o cálcio, quando são tidos como pets precisam de suplementação de cálcio. Ainda citando a espécie, quando há exposição a luz UVB inadequada é essencial a suplementação de vitamina D3, pois ela é crucial para a absorção de cálcio.

“Os suplementos também são aliados em fases específicas, como durante a gestação e lactação, postura de ovos e

até para tratamento de alguma enfermidade, como distúrbios digestivos e problemas hepáticos, que são bastante recorrentes em pets não convencionais devido a alimentação incorreta”, cita.

Com base em tudo isso, os principais suplementos para pets não convencionais, são os multivitamínicos com amplo espectro de vitaminas, como A, B, C, D e E, e minerais, como cálcio, fósforo e zinco.

“O cálcio e a vitamina D3 são cruciais para a saúde óssea e prevenção de doenças metabólicas, especialmente em répteis e aves. Já os probióticos e prebióticos visam equilibrar a flora intestinal, melhorando a digestão e a absorção de nutrientes, o que é fundamental para a saúde digestiva sensível de coelhos e furões”, cita.

ESCOLHA CUIDADOSA. Tanto a falta, quanto o excesso de certas vitaminas e minerais podem ser prejudiciais à saúde dos pets não convencionais. Por conta disso, é de suma importância que a suplementação apenas seja recomendada e monitorada por um médico-veterinário especializado.

Segundo Raquel, as necessidades nutricionais variam drasticamente entre espécies e até mesmo entre indivíduos. Logo, a escolha pelo suple-

mento ideal deve ser individualizada.

Outro ponto ressaltado é que um bom suplemento deve conter ingredientes puros e nas dosagens corretas. É essencial que toda a informação do conteúdo, os ingredientes e as quantidades estejam descritos de forma clara e transparente no rótulo. O produto também deve seguir as regulamentações de órgãos competentes, como o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento no Brasil (MAPA).

“Ao definir qual suplemento usar é muito importante levar em consideração a apresentação do produto para a melhor aceitação e administração. Por exemplo, no caso de aves muito ariscas e de difícil manipulação indico suplemento em pó misturado no alimento; para coelhos os melhores suplementos são em pó, líquido ou pasta; para serpentes, normalmente, colocamos o suplemento dentro da presa; para os jabutis pode-se diluir a suplementação no alimento; enquanto em porquinhos da índia é preferível dar a vitamina com uma seringa direto na boca”, cita a veterinária.

Inclusive, a administração oral direta é indispensável quando se fala em certas vitaminas, que são fotossensíveis.

Além disso, alguns suplementos possuem palatabilizantes, que nem sempre são aceitos pelos pets não convencionais, especialmente quando misturados na água ou no alimento.

Scaduto relata que alguns sabores são mais apreciados do que outros, como banana e goiaba, que têm sido apontados como bons para iguanas e jabutis. Portanto, é recomendado que o produto não possua cheiro ou sabor ruim e forte.

“Sendo assim, para definir qual suplemento usar deve-se fazer uma avaliação individual de cada pet, levando em consideração aceitação de sabor, temperamento (arisco, dócil, agressivo), proximidade com o tutor (se permite o manuseio), ambiente (gaiola, viveiro, terrário, quintal, etc.) e grau de enfermidade (o quão doente esse animal está e em quanto tempo ele deve ser suplementado)”, aconselha.

Para complementar, a especialista relata que ao incluir os suplementos no cuidado com pets não convencionais é preciso se atentar às dosagens, que são muito precisas, pois a margem de erro pode ser pequena em animais menores e mais sensíveis a excessos ou deficiências.



Alguns suplementos possuem palatabilizantes, que nem sempre são aceitos pelos pets não convencionais, afirma **Raquel Naomi Tanaka Scaduto**, médica-veterinária, mestre em animais selvagens pela Unesp Botucatu

COELHOS, AVES E ROEDORES. Normalmente, os coelhos não precisam de suplementos se receberem dieta de alta qualidade. Para esses animais é fundamental ofertar alimentação rica em fibras e vitaminas, composta principalmente por feno, verduras variadas e frescas e ração de elevado valor nutricional. “Falando especificamente deles, a suplementação é mais indicada para tratamento de disbiose, no caso dos probióticos, ou animais com dieta muito ruim, que precisam de aporte nutricional para se recuperar. Nesse caso, são usados os complexos vitamínicos”, comenta a veterinária.

Por outro lado, existe uma ampla variedade de suplementos para aves, que podem apresentar diversas deficiências, especialmente devido a nutrição inadequada e pobre em nutrientes.

“Os principais suplementos para aves domésticas incluem polivitamínicos (com foco nas vitaminas A, D, E e complexo B), suplementos minerais (como cálcio e fósforo, especialmente para a produção de ovos), suplementos proteicos e aminoácidos (para crescimento e muda de penas) e suplementos com probióticos e outros aditivos para a saúde digestiva”, pontua.

O problema, conforme explica Raquel, é que esses produtos acabam sendo mais populares e os responsáveis pelos animais os administram de forma indiscrimina-

da, podendo causar hipervitaminose, que é tão fatal quanto a hipovitaminose.

Mesmo existindo diversas espécies de roedores, cada uma apresenta necessidades diferentes. Porquinhos-da-índia, por exemplo, costumam requerer reposição de vitamina C, pois não conseguem sintetizá-la sozinhos e a sua deficiência pode causar escorbuto, uma doença grave.

“Essa vitamina é essencial para a saúde imunológica, colágeno e absorção de ferro. Normalmente, rações de qualidade específicas para os porquinhos-da-índia já contêm a quantidade recomendada de vitamina C, mas quando há uma dieta desequilibrada ou enfermidade, devemos suplementá-los”, esclarece.

Já no caso de hamsters, chinchilas, ratos e esquilos, não existe uma deficiência preexistente e, assim como ocorre com os coelhos, alimentação de qualidade basta para suprir suas necessidades. Porém, se houver desnutrição avançada pode ser preciso avaliar a possibilidade de administrar polivitamínicos e minerais.

ALIMENTAÇÃO É ALIADA. A médica-veterinária ressalta que, no geral, a alimentação equilibrada costuma ser suficiente para suprir as necessidades nutricionais da maior parte dos animais, dispensando o uso de suplementos.

Dessa forma, oferecer uma ração de boa qualidade, além de verduras e frutas frescas adequadas a cada espécie, já atende a demanda básica de nutrientes.

“No entanto, existem exceções importantes. Algumas espécies precisam de suplementação ocasional, pois tanto a dieta caseira, quanto a comercial, podem não alcançar os níveis ideais de determinados nutrientes”, comenta.

Logo, em alguns casos pode ser necessária suplementação ocasional com cálcio ou vitamina D, dependendo da saúde do animal. Contudo, além da nutrição, o manejo também desempenha um papel fundamental no cuidado com pets não convencionais.

“Animais estressados, que não se alimentam adequadamente ou que vivem em ambientes pouco favoráveis podem apresentar maior necessidade de suplementação. Ou seja, não é apenas o alimento que importa — o bem-estar e as condições de manejo influenciam diretamente na saúde e nas demandas nutricionais desses animais”, finaliza a especialista. ■



40 ANOS DO COLÉGIO BRASILEIRO DE NUTRIÇÃO ANIMAL

INSTITUIÇÃO CELEBROU QUADRO DÉCADAS IMPULSIONANDO
O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO DA
ALIMENTAÇÃO ANIMAL NO BRASIL



> DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Em novembro o Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA) promoveu um evento em comemoração aos 40 anos de atuação.

A celebração contou com duas palestras em sua programação: a primeira, ministrada por José Eduardo Butolo, homenageou as quatro décadas de trajetória da instituição; a segunda, apresentada por Roberto Betancourt, diretor do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), abordou a situação da nutrição animal em âmbito global.

Segundo o presidente do CBNA, Godofredo Miltenburg, o Colégio atua em todas as áreas de produção animal e de alimentos para animais de estimação, englobando aves, suínos, bovinos, equinos, aquacultura e nutrição pet, além do segmento de tecnologia de produção.

“O Colégio Brasileiro de Nutrição Animal também fornece apoio ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e ao Sindirações, que é um grande parceiro. Nosso principal papel é divulgar as novidades do mercado na área de nutrição animal, com base em pesquisas desenvolvidas por universidades brasileiras e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)”, destaca.

Ao comentar especificamente sobre o setor de pet food, Godofredo destaca que o CBNA realiza anualmente o seu tradicional Congresso Pet, já na sua 25ª edição, além do Workshop sobre Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos. Ambos os eventos reúnem um público expressivo e em constante crescimento.

“A área de pet food cresce de forma consistente a cada ano. O Brasil possui uma das maiores populações de cães e gatos do mundo, o que reforça a relevância desse setor”, ressalta.

PROGRAMAÇÃO. Durante o evento, José Eduardo Butolo — primeiro presidente do CBNA — apresentou uma retrospectiva completa da história do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal.

Em seguida, Roberto Betancourt destacou a importância da nutrição animal no Brasil em contexto global.

“O Brasil tem, de fato, enorme capacidade tanto para a produção de proteína animal quanto para o mercado pet food, tendo relevância global”, afirmou o presidente da associação.

HOMENAGEM. A Royal Canin esteve presente no evento de comemoração e, além de homenagear o próprio CBNA por sua trajetória e contribuição para o setor, também realizou homenagens a José Eduardo Butolo, Godofredo Mil-

tenburg e Roberto Betancourt, destacando o papel de cada um no desenvolvimento da nutrição animal no país.

Segundo Carla Pistori, diretora de Assuntos Corporativos da Royal Canin, estar presente na celebração reforça o compromisso da empresa com o avanço científico do setor.

“Poder estar aqui hoje ao lado de grandes nomes que ajudaram a construir a história do colégio e consolidar sua relevância científica é motivo de muito orgulho para nós. Em nome da Royal Canin, deixo nossos parabéns ao Colégio Brasileiro de Nutrição Animal. Para a companhia, apoiar e fazer parte dessa trajetória está totalmente conectado ao nosso propósito de tornar o mundo melhor para os pets, sempre promovendo a ciência”, afirmou. ■



A Royal Canin homenageou José Eduardo Butolo, Godofredo Miltenburg e Roberto Betancourt

DERMAPET TALKS

EVENTO DA **ELANCO** REÚNE ESPECIALISTAS PARA DISCUTIR DERMATOLOGIA VETERINÁRIA

» **REBECCA VETTORE**

rebecca@dc7comunica.com.br

A cidade de São Paulo recebeu em novembro a 4ª edição do Dermapet Talks, evento organizado pela Elanco Saúde Animal voltado a médicos-veterinários dermatologistas.

A programação combinou palestras científicas e momentos de networking entre os participantes, fortalecendo o debate sobre temas atuais da Dermatologia veterinária no Brasil.

“Neste evento trouxemos muito conteúdo relevante e foi um prazer enorme estar aqui encerrando uma série cons-

truída para fortalecer a Dermatologia veterinária no país”, afirmou Cristiano Anjo, diretor de marketing da Elanco.

Participaram desta edição Rita Carmona, mestre em Ciências Veterinárias com foco em Dermatologia pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP); Renata Mencialha, médica-veterinária com especialização em Dermatologia e doutora pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); e Julio Israel Fernandes, diretor científico da Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV).

Representando a Elanco também estiveram presentes Camila Camaliente, gerente técnica de Pet Health, e Tatiana Pavan, consultora técnica sênior.

Dentre os temas apresentados nas palestras estavam: “Dermatite atópica, minha experiência com Zenrelia depois de um ano”; “Otite alérgica em cães – do controle à reconexão familiar”; “Impacto dos ectoparasitas no manejo de cães”; e “Aliados da Dermatologia”.

Além deles, o evento também con-



Engajado com a temática, **Rodrigo Hilbert** ainda conversou com profissionais que estavam no evento



tou com a participação de Fábio Castro, médico especialista em alergias e imunologia, professor associado e livre-docente de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da USP e supervisor de Imunologia do Hospital das Clínicas de São Paulo, conversando sobre o sistema imunológico e a dermatite atópica, e Ana Paula Peña, médica neurologista formada em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Santos (UNILUS), com residência em Neurologia pelo Hospital das Clínicas, falando a respeito de maneiras de médicos-veterinários manterem a saúde mental no trabalho.

Ao final do evento, o ator e apresentador Rodrigo Hilbert, embaixador da Elanco, subiu no palco para conduzir uma ação social: a construção de casinhas para pets, doadas ao Centro de Proteção e Apoio Animal (CAPA). A iniciativa contou com a ajuda de 24 participantes.

“Vamos construir casinhas e queremos o amor de vocês nessas construções... Hoje a gente encerra aqui em São Paulo. Estamos falando de dez casas por cidade, por isso já são 40 casas no total que serão doadas”, destacou Hilbert.

O ator e apresentador ainda completou dizendo: “Eu percebi o carinho e amor de tanta gente por nossos queridos amiguinhos e me sensibilizei bastante. Espero que ano que vem tenha mais.”

DERMATITE ATÓPICA E OTITE: DESAFIOS CONTÍNUOS NO MANEJO CLÍNICO. Abrindo a programação científica, Rita Carmona falou sobre der-

Cristiano Anjo, diretor de marketing da Elanco



Renata Mencalha, médica-veterinária especializada em Dermatologia e doutora pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

remodela com o tempo e exige abordagens terapêuticas que mudam conforme a evolução do paciente”, explicou Rita.

Por ser crônica e incurável, a especialista reforçou a importância do vínculo entre tutor e equipe veterinária: “O tutor precisa se casar com o veterinário, pois o tratamento é para toda a vida.”

Rita também destacou que crises podem exigir corticoides, mas que o uso prolongado já não é recomendado, graças às terapias modernas, mais seguras e específicas.

Em seu primeiro ano utilizando Zenrelia para controle da dermatite atópica, ela relatou resultados expressivos: sua primeira paciente, Amora, considerada altamente complexa, manteve-se estável por um ano, sem crises, sem efeitos adversos relevantes e com possibilidade de redução da dose.

Na sequência, Renata Mencalha abordou os impactos da otite em cães na rotina familiar. “Quando a alergia chega vem um problema junto, pois a coceira, a dor e a falta de sono do cão também prejudicam o tutor e podem gerar quebra de vínculo”, disse.

Ela destacou ainda equívocos comuns na clínica, como insistir em exames dolorosos, realizar limpezas excessivas ou escolher terapias ina-

dequadas. Renata também reforçou o papel do Neptra como uma solução prática para o tratamento da otite.

“Como o medicamento não depende da colaboração diária do tutor, favorece a adesão, reduz a aversão do paciente e permite que a família volte a se conectar com o pet”, afirmou.

“Como o medicamento não depende da colaboração diária do tutor, favorece a adesão, reduz a aversão do paciente e permite que a família volte a se conectar com o pet”, afirmou.

ECTOPARASITAS E DIAGNÓSTICO PRECISO.

Encerrando as palestras, Julio Israel Fernandes chamou atenção para a subestimação dos ectoparasitas na prática clínica. “Ectoparasita não é detalhe, é porta de entrada para problemas sérios. A clínica médica precisa retomar o foco na prevenção”, alertou.

O especialista também criticou a falta de orientação por parte de alguns profissionais: “Quando o veterinário deixa de orientar, alguém vai orientar no lugar dele”, disse Fernandes, reforçando a importância de moléculas de ação rápida para reduzir a transmissão de patógenos, especialmente em áreas endêmicas.

Por fim, o diretor científico da Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV) discutiu o uso inadequado de antibióticos, o impacto das mudanças climáticas na disseminação de parasitas e apresentou casos clínicos em que cães classificados inicialmente como alérgicos tinham, na verdade, ectoparasitoses ou infecções associadas — reforçando a necessidade de diagnóstico preciso e manejo contínuo.

“O conhecimento atualizado é essencial para que o médico-veterinário ofereça tratamentos eficazes e seguros”, concluiu Fernandes. ■

■ NOVAS DIRETRIZES

SAÚDE ORAL E CUIDADOS DENTÁRIOS EM FELINOS

AS DOENÇAS orais são comuns na clínica médica de felinos e ainda representam diferentes desafios para médicos-veterinários e responsáveis. Sabendo disso, a FelineVMA divulgou novas “Diretrizes de Saúde Bucal e Cuidados Dentários para Felinos”.

O documento fornece uma revisão prática e baseada em evidências científicas sobre Medicina oral, Odontologia e Cirurgia oral em gatos, funcionando como um guideline para os clínicos.

Dentre os pontos destacados está a importância dos responsáveis pelos animais na prevenção e detecção precoce de problema bucais em gatos. Conforme as diretrizes, os tutores devem participar de forma ativa dos cuidados com a saúde oral de seus animais. Para isso, os veterinários podem capacitá-los fornecendo orientações e ferramentas necessárias para maior compreensão.

Com relação as enfermidades de maior prevalência, aponta como principais doença periodontal; reabsorção dentária; gengivoestomatite crônica felina; e maloclusão dentária.

A doença periodontal é um dos tipos mais comuns de afecção dentária em gatos e só pode ser prevenida ou reversível antes que ocorra a perda óssea alveolar.

A reabsorção dentária também é comum e classificada como progressiva. Frequentemente dolorosa, tem prevalência relatada em gatos variando de 28,5% a 67%. Por outro lado, a gengivoestomatite crônica felina consiste em uma inflamação das membranas

mucosas que revestem a boca e causa dor e desconforto. Ainda de acordo com o documento, a maloclusão dentária pode ocorrer durante o desenvolvimento do gato ou ser adquirida a partir de traumas ou tumores, por exemplo.

Para conseguir identificar essas enfermidades as diretrizes indicam que a avaliação oral completa é fundamental e deve iniciar com o paciente sem anestesia, incluindo histórico médico pré-operatório e exame físico.

Esse exame pode ser realizado sem anestesia em gatos que o permitam ou com sedação, sendo fundamental para preparar o paciente e o responsável para um futuro procedimento odontológico.

Quando realizado sem anestesia, pode ser dividido em quatro etapas: exame extraoral, exame de oclusão, exame dos tecidos moles da boca e exame das estruturas dentárias. Cada uma dessas etapas é capaz de fornecer uma grande quantidade de informações.

Para complementar, as “Diretrizes de Saúde Bucal e Cuidados Dentários para Felinos” ressaltam que as doenças orais e dentárias podem ser dolorosas e requerem analgesia.

Segundo o documento, a analgesia pode ser realizada em diferentes períodos, que incluem pré-operatório, durante procedimentos cirúrgicos e após a cirurgia. Além da analgesia perioperatória, recomendam-se bloqueios locais e regionais, que são essenciais para o controle da dor e para aumentar o conforto do paciente. ■



CONFIRA O
GUIDELINE
COMPLETO
PELO QR
CODE



FÓRMULA NATURAL



VET CARE



RENAL

Cães 2kg / 10,1kg Gatos 1,5kg / 7kg

Úmidos

Cães 270g Gatos 100g



Fórmula Natural Vet Care Renal é um alimento coadjuvante que tem por objetivo colaborar na diminuição da progressão da Doença Renal Crônica e melhorar a qualidade de vida de cães e gatos portadores dessa afecção.



Este produto não substitui o tratamento convencional.



Conheça a linha completa
Fórmula Natural Vet Care

[f](#) [i](#) [@formulanaturaloficial](#)
www.formulanatural.com.br

Cardisure

Pimobendan

Tratamento da insuficiência cardíaca congestiva canina



Cardisure 5 mg
Comprimidos sabor carne para cães
USO VETERINÁRIO



Contém 80 (2 x 40) comprimidos

Cardisure 1,25 mg
Comprimidos sabor carne para cães
USO VETERINÁRIO

Contém 80 comprimidos



5 mg

1,25 mg

Cardisure 10 mg
Comprimidos sabor carne para cães
USO VETERINÁRIO

10 mg



SmartTab

Tecnologia para facilitar a divisão de comprimidos.

Palatável
sabor carne



Flexibilidade
na dosagem



Dechra